

Reorientação Curricular do 1º ao 9º ano

Currículo em Debate - Goiás

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS - CONVITE À AÇÃO

ARTES VISUAIS

6.2.1

GOIÂNIA - 2009

Governador do Estado de Goiás

Alcides Rodrigues Filho

Secretaria de Estado da Educação

Milca Severino Pereira

Superintendente de Educação Básica

José Luiz Domingues

Núcleo de Desenvolvimento Curricular

Flávia Osório da Silva

Maria do Carmo Ribeiro Abreu

Coordenadora do Ensino Fundamental

Maria Luíza Batista Bretas Vasconcelos

Gerente Técnico-Pedagógica do 1º ao 9º ano

Maria da Luz Santos Ramos

Elaboração do Documento

Equipe do Núcleo de Desenvolvimento Curricular

Equipe de Apoio Pedagógico

Maria Soraia Borges, Wilmar Alves da Silva

Equipe Técnica das Subsecretarias Regionais de Educação do Estado de Goiás

Anápolis, Aparecida de Goiânia, Campos Belos, Catalão, Ceres, Formosa, Goianésia, Goiás, Goiatuba, Inhumas, Iporá, Itaberaí, Itapaci, Itapuranga, Itumbiara, Jataí, Jussara, Luziânia, Metropolitana, Minaçu, Mineiros, Morrinhos, Palmeiras de Goiás, Piracanjuba, Piranhas, Pires do Rio, Planaltina de Goiás, Porangatu, Posse, Quirinópolis, Rio Verde, Rubiataba, Santa Helena de Goiás, São Luís de Montes Belos, São Miguel do Araguaia, Silvânia, Trindade, Uruaçu

Equipes escolares

Diretores, secretários, coordenadores pedagógicos, professores, funcionários, alunos, pais e comunidade

Assessoria (6º ao 9º ano)

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC)

Presidente do Conselho: Maria Alice Setubal

Superintendente Geral: Maria do Carmo Brant de Carvalho

Coordenadora Técnica: Maria Amábile Mansutti

Gerente de Projetos: Anna Helena Altenfelder

Coordenadora de Projeto: Meyri Venci Chieffi

Assessoria Pedagógica: Maria José Reginato

Assessoria da Coordenação: Adriano Vieira

Assessoria por área de conhecimento: Adriano Vieira (Educação Física), Anna Josephina Ferreira Dorsa (Matemática), Antônio Aparecido Primo (História), Conceição Aparecida Cabrini (História), Flávio Augusto Desgranges (Teatro), Humberto Luís de Jesus (Matemática), Isabel Marques (Dança), Lenir Morgado da Silva (Matemática), Luiza Esmeralda Faustinoni (Língua Inglesa), Margarete Artacho de Ayra Mendes (Ciências), Maria Terezinha Teles Guerra (Arte), Silas Martins Junqueira (Geografia)

Apoio Administrativo: Solange Jesus da Silva

Parceria

Fundação Itaú Social

Vice-Presidente: Antonio Jacinto Matias

Diretora: Ana Beatriz Patrício

Coordenadoras do Programa: Isabel Cristina Santana e Maria Carolina Nogueira Dias

Supervisão Editorial

Ione Valadares

Docentes da UFG, PUC-GO e UEG

Adriano de Melo Ferreira (Ciências/UEG), Agostinho Potenciano de Souza (Língua Portuguesa/UFG), Alice Fátima Martins (Artes Visuais/UFG), Anegleyce Teodoro Rodrigues (Educação Física/UFG), Darcy Cordeiro (Ensino Religioso/CIERGO), Denise Álvares Campos (CEPAE/UFG), Eliane Carolina de Oliveira (Língua Inglesa/UEG), Eduardo Gusmão de Quadros (Ensino Religioso/PUC-GO), Eguimar Felício Chaveiro (Geografia/UFG), Lucielena Mendonça de Lima (Letras/UFG), Maria Bethânia S. Santos (Matemática/UFG), Noé Freire Sandes (História/UFG)

Digitização e Formatação de Texto (versão preliminar)

Equipes das áreas do Núcleo de Desenvolvimento Curricular

Projeto e Editoração gráfica

Ana Paula Toniazzo Antonini

SUMÁRIO

Apresentação	5
Carta aos Professores e Professoras.....	7
Um Diálogo entre a Universidade e a Rede Pública de Ensino	9
Os Desafios do Processo de Elaboração das Sequências Didáticas	11
Educação em Arte como facilitadora de experiências críticas: em cena as sequências didáticas	17
SEQUÊNCIA DIDÁTICA 6º ANO - GRAVANDO ARTE	21
Aula 1	26
Aula 2	27
Aula 3	28
Aula 4	29
Aula 5	30
Aula 6	31
Aula 7	32
Aula 8	35
Aula 9	36
Aula 10	38
Aula 11 e 12	38
Aula 13	40
Aula 14 e 15	40
ANEXOS	42
SEQUÊNCIA DIDÁTICA 7º - ANO MEUS AVÓS	53
Aula 1	58

Aula 2	60
Aula 3	62
Aula 4	64
Aula 5	65
Aula 6	66
Aula 7	68
Aula 8	69
Aula 9	69
Aula 10	71
Aula 11	73
Aula 12	73
Aula 13	75
Aula 14	76
Aula 15	76
ANEXOS	79

APRESENTAÇÃO

A Secretaria de Estado da Educação entrega à comunidade escolar o Caderno 6, da série *Currículo em Debate*, um valioso subsídio que oferece contribuições didáticas aos professores e possibilita o desenvolvimento de atividades mais dinâmicas em sala de aula e a participação ativa dos estudantes. A série integra o processo em que se discute o currículo nas escolas públicas promovido pelo Governo do Estado de Goiás: o programa de Reorientação Curricular.

Todos os cadernos da série foram escritos em parceria com as Universidades Federal, Católica e Estadual de Goiás, com o Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), com a Fundação Itaú Social e com professores da rede pública estadual. Este caderno, especificamente, contém sequências didáticas para o ensino de conteúdos do 1º ao 7º ano do Ensino Fundamental, apresentando sugestões metodológicas com propostas de atividades diversificadas.

Desejamos que este documento seja uma referência positiva para todos os docentes goianos, pois as sugestões apresentadas revelam o que os professores estão desenvolvendo na sala de aula. Afinal, para nosso orgulho, as *Sequências Didáticas* foram elaboradas por professores e professoras da nossa rede que transformam o fazer pedagógico em experiências significativas.

Esta publicação reafirma nossa convicção de que a educação pública em nosso Estado contribui, de modo efetivo, para a formação integral do ser humano e para a transformação das relações sociais e ambientais, apontando caminhos em direção a um mundo melhor para todos.

Conheçam as *Sequências Didáticas*, apropriem-se delas e valorizem os autores e colaboradores responsáveis pela elaboração destes Cadernos que revelam, em cada sugestão, em cada página, caminhos para que a educação pública em Goiás beneficie cada vez mais o estudante. Considerem o *Caderno 6* como mais um instrumento a ser utilizado no processo de ensino e de aprendizagem.

Com justo reconhecimento, dedicamos esta publicação a todos os professores de Goiás, que se esforçam por uma educação mais humana, educando e construindo, no dia-a-dia, novas e criativas formas de pensar e agir. Façam bom uso dela.

Milca Severino Pereira

Secretária de Estado da Educação de Goiás

Caro professor e professora,

Há muito veicula entre nós, educadores da rede Estadual, a série Currículo Em Debate. Desde as primeiras ideias, em 2004, até a elaboração final dos cadernos 5 e 6 que compõem esta série, sempre conta com a participação efetiva daqueles que acreditam e fazem a Educação em nosso Estado. Ao longo desse trabalho, partilhado, construído, a muitas mãos, a partir das Oficinas Pedagógicas por área do conhecimento, realizamos seminários, encontros de formação, acompanhamento pedagógico e muitas outras ações. As equipes escolares, em cada município do Estado organizaram grupos de estudos, elaboraram e enviaram-nos suas experiências e feitos. Assim, num cirandar de ideias, verdades e realidades das diferentes regiões do estado, legitimamos, através dos cadernos, as experiências que revelam a importância do papel de cada um de nós na reorientação curricular em curso. E, ao mesmo tempo, valorizamos o seu fazer, professor(a), divulgando as boas iniciativas que na maioria das vezes você realiza sem alarde, de forma anônima e silenciosa. Tudo isso vem fomentando a formação continuada e em serviço, numa grande ciranda, dialogando sobre o currículo, as particularidades de cada área do conhecimento, suas concepções, metodologias e tantas outras questões que envolvem o ensino e a aprendizagem na **Educação Básica em Goiás**.

Hoje, concluindo o 6º caderno - sequências didáticas do 1º ao 7º ano, em versão final, e o caderno 7 - sequência didáticas do 8º e 9º anos, em versão preliminar, sentimos-nos realizados ao vê-los circulando entre os profissionais que atuam no ensino fundamental, subsidiando o trabalho pedagógico, fomentando as discussões num faz e refaz constante. É gratificante quando nos chegam os depoimentos daqueles que se sentem representados, acolhidos, ao ver suas contribuições e experimentos registrados. Nossa expectativa é de que essas vivências, agora disponibilizadas para a comunidade escolar do estado, contribuam para despertar, em todos os educadores goianos, o desejo de ler, pesquisar, planejar atividades desafiadoras e significativas, e, sobretudo para a reflexão de que não é a atividade em si que promove a aprendizagem, mas sim, o contexto didático em que ela está inserida.

Infelizmente muitos são os que ainda não tiveram acesso aos cadernos. Acreditamos que para o sucesso da nova proposta curricular é imprescindível que todos os professores os tenham em mãos. Vale conferir o resultado do trabalho. Leia, analise as experiências que vêm sendo vivenciadas e compartilhadas por nossos colegas **EDUCADORES** que assumiram o desafio de se tornarem melhores, de construir uma prática pedagógica diferenciada. Caso você ainda não tenha os cadernos 1, 2, 3, 4 e 5 procure imediatamente sua subsecretaria. Esta providenciará exemplares para todos os professores. Você pode também ter acesso aos cadernos por meio do site da Seduc: www.seduc.gov.go.br.

O Currículo em Debate, em todas as áreas do conhecimento, tem sido objeto de estudo nos encontros pedagógicos das escolas, das subsecretarias e da Suebas. Por isso, reiteramos que sua presença e participação efetiva nesses encontros é de fundamental importância.

Desta forma, com a realização de reuniões de estudos por área do conhecimento, com a ampliação de espaços para discussões coletivas, planejamentos e replanejamentos do trabalho pedagógico, conseguiremos transformar nossa prática, num esforço conjunto, e atender às exigências educacionais de nosso tempo e espaço. Assim buscamos vencer um grande desafio posto para todos nós, educadores - professores, coordenadores e gestores: a qualidade social do ensino nas escolas públicas de Goiás; o crescimento de nossos estudantes no domínio da leitura e da escrita, em todas as áreas do conhecimento; sua permanência, com sucesso, na escola fundamental e a terminalidade desse nível de ensino na fase prevista.

Contamos com o seu trabalho, professor, professora... com o seu esforço e compromisso nessa importante tarefa!

Superintendência de Educação Básica
Equipe do Núcleo de Desenvolvimento Curricular

UM DIÁLOGO ENTRE A UNIVERSIDADE E A REDE PÚBLICA DE ENSINO

Eliane Carolina de Oliveira¹

O exercício da docência é uma tarefa desafiante, cuja aprendizagem implica um processo complexo que abarca fatores de naturezas diversas. Ao entender que tanto a universidade quanto a escola são agências formadoras, é necessária a aproximação e a busca constante de parcerias entre estes *loci* principais de formação de professores. A consecução de um projeto neste modelo pode ser viabilizada unicamente a partir da conjunção de esforços entre Poder Público, Instituições de Educação Superior e Comunidade Escolar – fato este que vem se materializando nos últimos cinco anos em nosso Estado.

Nesse sentido, o processo de Reorientação Curricular em Goiás se constituiu na concretização dessa desejada parceria na qual todos os participantes tiveram garantida a sua condição de produtores de conhecimento. O espaço de interlocução, de partilha e democratização de saberes e conhecimentos entre os professores das escolas regulares, os técnicos da Superintendência da Escola Básica e os consultores do Cenpec e das universidades goianas tem sido significativo na construção dos produtos ora apresentados resultando em experiências enriquecedoras e ganhos qualitativos para todos os envolvidos.

Para a universidade, esse estreitar de laços propiciou uma visão mais ampla e concreta acerca da realidade fora do âmbito da academia e, nesse sentido, pôde-se discutir e propor subsídios teórico-metodológicos que melhor pudessem contribuir para a educação oferecida aos alunos nas várias áreas do conhecimento. Pôde, ainda, possibilitar aos futuros professores um contato mais direto com aqueles que estão envolvidos no processo de reorientação curricular e, eventualmente, aproximá-los das realidades educacionais e das reais exigências que encontrarão ao adentrarem o campo profissional.

Desafio e continuidade parecem ser as palavras-chave da parceria iniciada em 2004. Acreditamos que os trabalhos desenvolvidos durante todo o processo se constituirão em campos propícios ao desenvolvimento de atividades de pesquisa, de interlocução e aprendizagem contínuas. Que possamos continuar a fomentar as atividades de ensino e favorecer a articulação entre as diversas atividades empreendidas por todos os parceiros que compartilham da mesma intencionalidade que é garantir uma educação pública de qualidade para todos.

¹ Doutora em Linguística Aplicada (UFMG), professora universitária (UFG). Assessora da Reorientação Curricular de Língua Inglesa na Seduc/GO.

...the first of these is the fact that the ...

...the second of these is the fact that the ...

...the third of these is the fact that the ...

...the fourth of these is the fact that the ...

...the fifth of these is the fact that the ...

...the sixth of these is the fact that the ...

...the seventh of these is the fact that the ...

...the eighth of these is the fact that the ...

...the ninth of these is the fact that the ...

...the tenth of these is the fact that the ...

...the eleventh of these is the fact that the ...

...the twelfth of these is the fact that the ...

...the thirteenth of these is the fact that the ...

...the fourteenth of these is the fact that the ...

...the fifteenth of these is the fact that the ...

...the sixteenth of these is the fact that the ...

...the seventeenth of these is the fact that the ...

...the eighteenth of these is the fact that the ...

...the nineteenth of these is the fact that the ...

...the twentieth of these is the fact that the ...

OS DESAFIOS DO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DAS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

Equipe Cenpec¹

“Um passo à frente e já não estaremos mais no mesmo lugar”

Chico Science

I. O processo: uma escrita a muitas mãos

“a continuidade”

O processo de reorientação curricular, implementado na rede a partir de 2004, pela parceria entre Suebas, Cenpec, Universidade Federal de Goiás, Universidade Estadual de Goiás, Pontifícia Universidade Católica de Goiás e Fundação Itaú Social, é fruto de várias ações e projetos desenvolvidos na rede estadual de ensino, que, gradativamente, produziram as condições para que, nesse dado momento, a partir dos indicadores educacionais de evasão e repetência e do questionamento do currículo em vigência, fossem desencadeadas ações de debate sobre a situação do ensino no estado de Goiás.

Esse amplo processo atravessou duas administrações, num esforço coletivo para caracterizá-lo como ação de estado e não de governo, razão pela qual, acreditamos que apesar das adversidades e contradições próprias da implementação de qualquer política pública, ele pôde crescer, se consolidar e, agora, ter potencial para permanecer.

Nesse esforço, foram produzidos os cadernos “Currículo em Debate” que expressam os momentos vividos pela rede no processo de reorientação curricular, durante os últimos anos, culminando com a elaboração das matrizes curriculares, como referência para o estado, e com exemplos de sequências di-

¹ Adriano Vieira; Maria José Reginato e Meyri Venci Chieffi: Assessores do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária -CENPEC

dáticas, por área de conhecimento, que ajudassem os professores a visualizar a concretização da metodologia proposta para sua área específica. Para legitimar as matrizes e as sequências didáticas, o processo de produção foi acompanhado de um processo de validação pela rede, que orientou as mudanças necessárias.

Acreditamos que a natureza da parceria, envolvendo um órgão governamental, universidades locais, uma organização da sociedade civil e uma fundação empresarial, assim como a participação de diferentes segmentos da rede estadual de ensino, durante todo o processo, foram fatores determinantes para que não houvesse interrupção na construção e implementação do projeto de reorientação curricular. É nesta continuidade que apostamos, às vésperas de novas mudanças no executivo.

“ a unidade na diversidade”

O estado de Goiás tem 38 subsecretarias de educação, com realidades distintas. Envolver toda a rede no mesmo processo, contemplando as diferenças regionais e as diferenças de formação, foi um grande desafio na elaboração das matrizes e das sequências didáticas.

O que garantiu a unidade na diversidade foram as concepções de currículo, de ensino e aprendizagem e seus pressupostos, bem como as diretrizes e os eixos da proposta curricular que perpassaram tanto os objetivos educacionais quanto a metodologia de ensino de cada área do conhecimento.

Assim, os conteúdos curriculares e as expectativas de aprendizagem apontadas no caderno 5, bem como as atividades das sequências didáticas do caderno 6 (sexto e sétimo anos) e do caderno 7 (oitavo e nono anos, a ser publicado em 2010) tem como pressupostos os eixos já apontados nos cadernos 1,2,3 e 4, como: o direito de toda criança e de todo adolescente de aprender e concluir o ensino fundamental com sucesso; a democratização da escola como condição para a realização de uma educação humanizadora e o trabalho coletivo como garantia do envolvimento de todos. Esses pressupostos se expressam nas diretrizes da reorientação curricular, quais sejam: reduzir a evasão e repetência no estado, ampliar os espaços coletivos nas escolas e no sistema e desenvolver um currículo significativo que considere o universo cultural dos alunos. Expressam-se, também, nos eixos das propostas específicas de cada área do conhecimento, que afirmam o compromisso de todas elas com a leitura e produção de textos, a valorização da cultura local e da cultura juvenil e a proposição de uma metodologia dialógica. Desta forma, os cadernos do 1 ao 7 se interrelacionam, buscando as mesmas conquistas. No que toca, propriamente, aos conteúdos curriculares, há uma integração muito grande entre os cadernos 3- concepção das áreas, caderno 5- matrizes curriculares e cadernos 6 e 7- sequências didáticas.

cas. Cabe esclarecer que as próprias sequências didáticas conferem unidade às áreas do conhecimento, na forma de organização dos conteúdos, em momentos específicos do processo de ensino e aprendizagem.

II. O que entendemos por sequência didática

É uma situação de ensino e aprendizagem planejada, organizada passo a passo e orientada pelo objetivo de promover uma aprendizagem definida. São atividades sequenciadas, com a intenção de oferecer desafios de diferentes complexidades para que os alunos possam, gradativamente, apropriarem-se de conhecimentos, atitudes e valores considerados fundamentais.

Nessa direção, optamos pelas sequências didáticas como forma de organizar os conteúdos escolhidos ou indicados pelos professores, para concretizar situações exemplares de ensino e aprendizagem, como apoio metodológico à rede.

A estrutura das sequências

As sequências didáticas seguem a seguinte estrutura: apresentação da proposta de trabalho; levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos; ampliação do conhecimento em questão; sistematização e avaliação. Ressaltamos que os momentos citados não são lineares nem estanques, mas se interpenetram, podendo até um conter o outro, como no caso de se promover a ampliação do conhecimento e uma sistematização, no próprio momento de levantar os conhecimentos prévios.

1. apresentação da proposta

É o anúncio do que vai ser estudado, o compartilhamento da proposta de trabalho com os estudantes, fornecendo uma visão geral do processo a ser desenvolvido e explicitando os pontos de chegada.

2. levantamento dos conhecimentos prévios

Os conhecimentos prévios são aqueles que os alunos adquiriram em suas experiências anteriores, dentro e fora da escola, sobre o assunto a ser estudado. É importante conhecê-los para relacioná-los intencionalmente ao que se quer ensinar.

É o momento de se fazer o mapeamento do conhecimento que os alunos

têm sobre os principais conceitos que serão trabalhados. Para ativá-los, problematizamos, de diversas formas, os temas em questão, propondo desafios, de modo que ponham em jogo o que sabem. Este momento pode ser desenvolvido por meio de rodas de conversa, leitura de imagens e/ou textos escritos, resolução de problemas, debates, dentre outras estratégias.

O registro dos conhecimentos prévios pode ser reapresentado ao final da sequência para fornecer elementos de avaliação ao professor e ao próprio estudante.

3. ampliação do conhecimento

Este é um momento importantíssimo que requer do professor segurança em relação ao conteúdo e às formas de desenvolvê-lo, considerando a heterogeneidade dos níveis de conhecimento e a faixa etária dos adolescentes e jovens.

As atividades devem proporcionar um “mergulho” no tema, por isso, no material, são propostas estratégias bem diversificadas: aulas dialogadas, projeção de vídeos e filmes, leitura e produção de textos, pesquisas em bibliotecas, na internet, nos livros didáticos adotados pela escola, entrevistas, saídas em campo.

4. sistematização do conhecimento

Consiste na retomada do percurso, organizando as principais noções e conceitos trabalhados, por meio de registros, promovendo a apropriação das aprendizagens desenvolvidas pelos alunos e permitindo a professores e alunos uma visão geral do trabalho que foi feito, com os avanços e as dificuldades encontradas. É um momento de síntese e de divulgação dos produtos finais do trabalho.

5. avaliação

A marcha da aprendizagem define a marcha do ensino, que tem como referencial as expectativas de aprendizagem definidas para tal, no caso, as apontadas pelas matrizes curriculares.

Daí a importância da avaliação processual, no decorrer das sequências, por meio de reflexões e registros do professor e dos alunos a respeito das aprendizagens realizadas, dos avanços, das dificuldades.

É importante, também, desenvolver um processo de auto-avaliação, para que os alunos aprendam a identificar o que aprenderam, as dificuldades que tiveram, as dúvidas que ainda precisam ser esclarecidas. Esse exercício irá tor-

ná-los conscientes do próprio processo de aprendizagem, desenvolvendo a sua autonomia intelectual.

III. Um convite

Como é possível constatar, um grande trabalho foi feito e muitos participaram desta construção.

Por isso, acreditamos na possibilidade da continuidade, permanência e enraizamento deste processo.

Sendo assim, convidamos todos os professores da rede estadual de Goiás a fazer um debate crítico sobre as sequências didáticas ora apresentadas, discutindo-as no interior das escolas e em encontros nas subsecretarias, para que sejam apropriadas e se tornem de fato instrumento de trabalho, ajudando no planejamento e desenvolvimento das aulas, da maneira mais adequada à realidade de cada escola, cada professor, cada sala de aula.

E, que nessas discussões, se pense muito nos estudantes e na forma como eles vêm respondendo às propostas das sequências, pois eles são os destinatários desse trabalho; são eles, afinal, que dão sentido à nossa profissão de professor.



Educação em Arte como facilitadora de experiências críticas: em cena as sequências didáticas

Henrique Lima Assis¹

Fruto dos encontros de formação, seminários, cursos e oficinas com docentes representantes das diferentes regiões do Estado, promovidos desde 2008 e fortalecidos em 2009. Este caderno de número 6 contém as Sequências Didáticas de 6º e 7º anos e é dedicado aos professores e professoras que ensinam artes visuais, dança, música e teatro na rede estadual de educação de Goiás, em continuidade ao processo de Reorientação Curricular iniciado em 2004, pela SEDUC em parceria com o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação e Cultura – CENPEC – e docentes universitários.

Todos os momentos de formação foram fundamentados nas orientações curriculares para a área de Arte que integram o Caderno 5 da série *Currículo em debate*, cujas discussões em torno da organização do trabalho docente culminaram na elaboração destas Sequências. Assim, em 2010, será finalizado o Caderno 7 que conterà as Sequências Didáticas dos 8º e 9º anos.

Ao compreender o ensino de arte como cultura, procuramos desenvolver ações educativas que extrapolam as aprendizagens para além do universo eurocêntrico e monocultural. Enfatizamos a coexistência de múltiplas e diferentes lógicas de relacionar, ver, criar, imaginar, simbolizar, investigar, representar por meio das imagens, sons e movimentos, a partir da interpretação e compreensão crítica dos artefatos e manifestações artísticas do cotidiano de professores e estudantes e de grupos sociais minoritários, excluídos ou silenciados. Nesse sentido, propomos a construção de pontes entre o que acontece dentro e fora da escola, por meio de visitas a museus, feiras, galerias de arte, apresentações de dança, música, circo, *shows*, teatro. Propomos também, trazer para sala de aula artistas da comunidade que possam contribuir com suas experiências, fomentando na escola um espaço de pesquisa e de investigação para se construir e reconstruir saberes artísticos.

Buscamos exercitar uma prática docente especialista *versus* polivalente, conforme a LDB 9394/96 e as Diretrizes Operacionais da Rede Pública Estadual de Ensino de Goiás 2009/2010. Compreendemos que o currículo, além de ser “documento de identidade” (Silva, 1999, p. 150), é, também, um instrumento que apresenta demandas, sejam elas de formação, de pessoal humano capacitado e de adequação de espaço físico e material didático. Nesta direção, nego-

¹ Mestre em Cultura Visual FAV/UFG, Licenciado em Artes Visuais FAV/UFG e Coordenador Pedagógico do Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte.



ciações são suscitadas a cada Sequência Didática para garantir a construção de aprendizagens consistentes e significativas, sendo estes os pontos centrais discutidos nos encontros de formação sobre a educação em Arte, agenciados pela SEDUC de Goiás.

Ao pensar uma educação em Arte que facilite “experiências críticas” (HERNANDEZ, 2009, p. 208), que desestabilizem hegemonias, que aproximem os sujeitos das representações dos universos afro-descendentes, indígenas, homossexuais, femininos, da cultura infanto-juvenil, da classe trabalhadora, das pessoas com necessidades especiais, a SEDUC baseia-se nas diretrizes apresentadas pelos Estudos Culturais que, por sua vez, passa, nas últimas décadas do século XX, a ser entendida numa dimensão ampliada

de possibilidades no qual despontam os domínios do popular. Aliás, a revolução copernicana [2] operada pelos Estudos Culturais na teoria cultural concentrou-se neste terreno escorregadio e eivado de preconceitos em que se cruzam duas noções ou concepções extremamente complexas e matizadas como *cultura* e *popular* (pag. 36).

Desse modo, ao longo da história da humanidade o entendimento sobre o termo *Cultura* sofreu profundas transformações, como por exemplo, a de um

conceito impregnado de distinção, hierarquia e elitismos segregacionistas para um outro eixo de significados em que se abre um amplo leque de sentidos cambiantes e versáteis. Cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa a contemplar, também, o gosto das multidões. Em sua flexão plural – *culturas* – e adjetivado, o conceito incorpora novas e diferentes possibilidades de sentido (COSTA, pag. 36).

E em relação às concepções do termo *popular* a autora afirma ainda que o mesmo é fruto de uma vicejante polissemia. Assim sendo,

do popular ao *pop*, nomeiam-se movimentações das mais variadas gamas. Popular tanto pode indicar breguice, gostos e condutas comuns do povo, entendido como a numerosa parcela mais simples e menos aquinhoada da população, quanto, na nomenclatura política das esquerdas, expressar o fetiche do mundo intelectual politicamente engajado ou mesmo as cruzadas contemporâneas

2 A autora compara a mudança no modo de pensar a Cultura produzida pelos Estudos Culturais, ou seja, a ampliação de sentidos, incluindo, em seu bojo, as produções e gostos das multidões, com a transformação que os homens e mulheres tinham sobre o universo e eles próprios a partir dos apontamentos de Nicolau Copérnico (1473-1543) como, por exemplo, de que a Terra que se move em torno do Sol e não o contrário, conforme considerava Aristóteles e Ptolomeu.



em torno do politicamente correto. Nesta oscilação cambiante do significado, popular e *pop* comportam gradações que, com frequência, apontam para distinções entre o que é popularesco, rebuscado, *kitsch* e o que é sofisticado, despojado, minimalista. Como se percebe, as palavras têm história, vibram, vivem, produzem sentidos, ao mesmo tempo em que vão incorporando nuances, flexionadas nas arenas políticas em que o significado é negociado e renegociado, permanentemente, em lutas que se travam no campo do simbólico e do discursivo (pag. 37).

Em sintonia com este entendimento, a SEDUC acredita que a cultura precisa ser estudada a partir da expansão de tudo o que a ela está vinculado e ao papel distintivo que assumiu em todos os aspectos da vida social. A centralidade da cultura presente nas orientações/matrizes para a disciplina Arte, nas suas diferentes áreas, parte do pressuposto de que fotografias, tecelagens, cantatas, circo, folguedos, serestas, cirandas, peças de artesanatos, arquiteturas, filmes, *autdoors*, *jingles*, bordados, dispositivos de alta tecnologia, vitrines, livros didáticos, roupas, imagens televisivas, folia de reis, *shows*, *performances*, concertos, congadas, noticiário de televisão, gráficos, esculturas, currículos escolares, por exemplo, não são apenas manifestações culturais: são práticas de representação, inventam sentidos que circulam e operam nos territórios culturais onde significados e hierarquias são construídos.

Uma das escolhas feitas pela SEDUC para que as aprendizagens artísticas se tornem experiências críticas foi a organização do trabalho pedagógico no formato de Sequências Didáticas. Tal escolha foi motivada por acreditar-se que esse modelo permite aos estudantes uma participação mais ativa e significativa nos projetos de trabalho sendo a Sequência Didática um conjunto de atividades planejadas que levam em consideração a organização do tempo e a diversidade cultural dos grupos de estudantes.

É consenso na literatura educacional que planejar é fundamental para a excelência do trabalho pedagógico. A partir da dinâmica que move as salas de aula, o ato de planejar, em constante diálogo com os desejos dos estudantes, define metas, temas e objetos de estudo, mobiliza recursos pedagógicos e humanos, motiva investigações. Permite, ainda, a avaliação do percurso, o replanejamento e a ampliação das atividades.

Assim, para que as aulas de Arte possibilitem aos sujeitos a apropriação e construção de conhecimentos e significações, as Sequências Didáticas contem uma estrutura que viabiliza: a) atividades para verificação dos conhecimentos prévios dos estudantes, o que já sabem ou ouviram falar sobre a modalidade artística selecionada para estudo; b) atividades de ampliação dos conhecimentos; c) atividades de sistematização dos conhecimentos que garantam a retomada

do percurso investigado, estudado, construído; d) atividades de avaliação formativa que permitam ao professor ou professora acompanhar os estudantes para intervir, ajustando o processo de ensino ao processo de aprendizagem, observando a caminhada dos estudantes e, se for o caso, estabelecer novos encaminhamentos em relação ao processo cognitivo. Estas etapas estão aprofundadas no texto “Os desafios do processo de elaboração das Sequências Didáticas”, neste caderno.

Queremos enfatizar a vocês professores e professoras que ao lerem as Sequências Didáticas que integram o presente caderno, percebam que o seu conteúdo não se trata de modelo a ser reproduzido fielmente em seus cotidianos escolares, mas sim de um convite à reflexão, pesquisa, construção contínua. Tomem-no, portanto, como um instrumento norteador que indica caminhos junto aos estudantes e comunidade, mas não deixem de arriscar, experimentar, dialogar, planejar, desestabilizar hegemonias, produzir significações, aprender com os artefatos culturais. Que a partir destas sugestões, vocês possam elaborar suas próprias Sequências Didáticas centradas na exploração, no distintivo, no metafórico, na valorização do percurso, que permitam aos estudantes conhecerem-se ou reconhecerem-se como parte de uma cultura. Enfim, conforme lembra Eisner (2008, p. 16) que possamos construir “um tipo de escola que [nossos estudantes] merecem e que a nossa cultura precisa. Tais aspirações, meus amigos, são estrelas pelas quais vale a pena esticar-se”.

Bom trabalho!

Referencial Bibliográfico

COSTA, Marisa Vorraber. *Estudos Culturais, educação e pedagogia*. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03.pdf> >. Acesso 19/06/2009.

EISNER, Elliot. *O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação?* Disponível em: < <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/eisner.pdf> >. Acesso em 22/06/2009.

HERNANDEZ, Fernando. Da alfabetização visual ao alfabetismo cultural. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs.) *Educação da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1999.



Professores da Rede Estadual de Educação:

SEQUÊNCIA DIDÁTICA – 6º ANO

IMPRIMINDO VIVÊNCIAS: UMA EXPERIÊNCIA
COM A GRAVURA EM SALA DE AULA

ARTES VISUAIS

A primeira impressão foi uma mistura de inquietação, prazer, medo, reflexão, crítica, insegurança, pois é necessária muita pesquisa para apropriar a proposta à realidade da escola pública.

Mas percebe-se que o Caderno 5 propõe o desenvolvimento do pensamento crítico e da percepção estética; um aluno que exercita continuamente sua imaginação estará mais apto a construir um texto, a desenvolver estratégias próprias para o raciocínio matemático e estabelecer relações mais amplas quando estuda um determinado período histórico, entre outras habilidades. Além disso, torna-se capaz de perceber sua realidade cotidiana com mais vivacidade, reconhecendo a partir de uma observação crítica, objetos e formas que o rodeiam.

Professor não identificado.
Pires do Rio/GO

Os conteúdos ou modalidades artísticas propostos no caderno 5 já estão presentes no cotidiano do aluno, mas precisam de uma dedicação maior do professor no sentido de pesquisar e buscar recursos, especialmente os tecnológicos. Nesse sentido a matriz favorece não só o crescimento do estudante, mas também do professor, enquanto profissional.

Professoras Inês e Vânia
Iporá/GO

Imprimindo Vivências: uma experiência com a gravura em sala de aula

Fernanda Moraes Assis¹

Rogéria Eller²

Kátia Rodrigues³

Ano: 6º

Eixo temático: Lugares

Nº. de aulas: 15

Modalidade: Gravura

Conceitos: linear e pictórico, abstrato e figurativo, bidimensional e tridimensional.

Expectativas de Aprendizagem:

- Conhecer a gravura, a impressão e as suas implicações culturais, por meio da investigação de suas possibilidades expressivas.
- Produzir imagens gráficas a partir de diferentes situações, materiais e repertórios.
- Investigar diferentes suportes e produções de impressão de monotipia.
- Refletir, discutir a prática da frottagem, da monotipia e do carimbo enquanto linguagens artísticas.

Recursos:

Equipamentos: Data show, retroprojeter, TV/DVD.

Materiais Básicos: Papel A4, giz de cera, lápis de cores, jornais, tesoura, cola, papel sulfite tamanho A4. Tinta guache ou têmpera, fita adesiva, rolinho de espuma ou borracha.

Apresentação

Caro (a) professor (a),

A cultura é um veículo que se torna referência nas práticas sociais e nela

1 Licenciada em Artes Visuais, Professora do Centro de Estudos e Pesquisa Ciranda da Arte / SEDUC-GO

2 Mestre em Cultura Visual, Professora do Centro de Estudos e Pesquisa Ciranda da Arte / SEDUC-GO

3 Bacharel em Artes Plásticas, Professora do Centro de Estudos e Pesquisa Ciranda da Arte / SEDUC-GO



estão diferentes formas que grupos têm para expressar as linguagens que configuram uma identidade. Assim como afirma Hall:

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são constituídas (HALL, 2006 p. 51).

É nessa direção que esta Sequência Didática pretende promover diálogos reflexivos e críticos sobre as visualidades, focando o olhar nos espaços/lugares de vivências e destacando diferentes universos identitários, que se configuram e se tornam referências nos universos individuais e coletivos.

Paramos para pensar sobre como as visualidades do cotidiano configuram nossa identidade? Quais aspectos das nossas escolhas são estabelecidos a partir dos significados presentes na cultura em que estamos inseridos?

Estas e outras questões serão discutidas no desenvolvimento desta Sequência, ressaltando que não pretendemos alcançar todas as respostas, todavia apresentamos caminhos e diálogos onde você, professor, a partir de sua experiência, possa contribuir com outras ideias, conexões e expectativas de aprendizagens.

Dentre as modalidades contempladas nas Orientações Curriculares em Arte, focamos a gravura e as técnicas monotípia e carimbo. É observado nas aulas iniciais um enfoque na técnica da frottagem como uma possibilidade de explorar texturas de diferentes superfícies, levando o estudante a buscar referenciais artísticos e estéticos próximos de si, para compreender e refletir sobre a prática da gravura. Ainda, levando o estudante a investigar, pesquisar e compreender os diferentes processos de confecção de gravura, através de uma experiência simples de percepção e experimentação.

No desenvolvimento desta Sequência temos momentos de estudo, destacando os conhecimentos prévios do estudante sobre a modalidade gravura, suas técnicas e desdobramentos, também possíveis experiências realizadas por eles na trajetória vivida na escola ou fora dela. Propomos, através de questões, texto, imagens e atividades, um diálogo com o eixo temático *lugares*, em que a expectativa é promover um ambiente de discussão que resulte em compreensão crítica e posicionamentos.

Abordamos a monotípia, o carimbo e a aplicabilidade de ambos em sala de aula. A proposta de produção parte de um projeto que o estudante desenvolverá, resultando na impressão de cópias de gravura utilizando as duas técnicas. Os trabalhos produzidos serão emoldurados e dispostos em uma mostra ou uma exposição nas dependências da escola.

Em relação às expectativas de aprendizagem, o estudante deve ir além da simples “experienciação” com a produção da gravura/impressão, mas, por meio dessas

ações, ampliem para a percepção e compreensão de seu contexto sociocultural de forma crítica. Buscamos, a partir desse contexto, fazer emergir questões periféricas e marginalizadas relacionadas com gêneros, etnias, classe social, vozes que em muitos contextos educativos e culturais se tornam ausentes.

Voltando a considerar o raciocínio de Hall, “Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2006 p. 50).

Nessa dimensão, tendo como ponto de partida as próprias vivências e as dos estudantes, propomos a ampliação do conhecimento sobre o universo da arte da gravura, sabendo que a escola contém especificidades que aqui talvez não tenham sido considerados, mas que podem e devem ser contemplados mediante a sua atuação na sala de aula, criando, certamente, outros significados, a partir daquilo que estamos propondo.

Bom Trabalho!

Dicas Introdutórias

Professor, à sua disposição está o anexo com texto complementar e imagens que o auxiliarão na preparação de suas aulas. Não deixe de pesquisar esse acervo, pois lhe será de muita utilidade.

Orientamos para que registre suas aulas, através de fotos ou filmagens, tanto para avaliar o processo de cada aula, como para propiciar uma visão geral do trabalho desenvolvido. O registro do portfólio torna-se um instrumento indispensável para situar a aprendizagem dos estudantes e, assim, organizar a sequência de ensino.

Portfólio é o nome dado à pastas de anotações e anexos, podendo ser denominado também como protocolo de atividades diárias. Para o professor o portfólio pode auxiliar na coleta de textos, imagens, anotação de ideias próprias e de outras propostas pedagógicas que possam incrementar esta sequência. Lembre-se sempre de datá-las. Providencie o material antes da prática, para poder realizá-la com tranquilidade e se preparar para qualquer eventualidade. Arquive as experiências vividas na prática do ensino para futuras análises.

Avaliação

A avaliação dos estudantes será realizada continuamente com base na produção e exposição de seus trabalhos, questionários e reflexões escritas, análises de imagens, resenhas e comentários que evidenciam o trabalho em desenvolvimento.

Alguns critérios para avaliação: habilidade para desenvolver e interpretar um tema, sensibilidade expressiva, disposição no uso de várias técnicas e processos.

É importante avaliar o compromisso dos estudantes com as pesquisas e en-

trega dos trabalhos solicitados, observando:

- Dedicção e envolvimento ao levarem os materiais solicitados.
- Contribuição com o grupo para os conhecimentos das atividades.
- Aplicaçõ, no momento de produçõ, dos conhecimentos adquiridos, tanto técnicos quanto conceituais.
- Autonomia ao responder aos questionários.
- Envolvimento na exposiçõ dos trabalhos produzidos.

Aula 1

Caro professor, iniciaremos o conteúdo desta aula levando a turma para dar um passeio pelo pátio da escola. A ideia é que cada um observe os diversos espaços e a textura de cada superfície do lugar. Distribua papel sulfite e giz de cera. Em seguida, peça a eles que ao encontrarem uma superfície com textura interessante, coloquem o papel sulfite sobre a superfície escolhida e riscuem com giz de cera ou lápis, transferindo essa textura para o papel. Podem fazer quantas desejarem, o importante é que extraiam texturas diferentes. A textura é um dos princípios da gravura: a esse processo de retirar texturas por meio da fricção dá-se o nome de **frottage**.

Frottage (termo francês) significa fricção. É uma técnica de desenho na qual uma folha de papel é colocada sobre qualquer material áspero, como pedaços de madeira ou pedra, é tratado com lápis ou giz de cera até adquirir a qualidade superficial da substância original.



Frottage sobre papel.

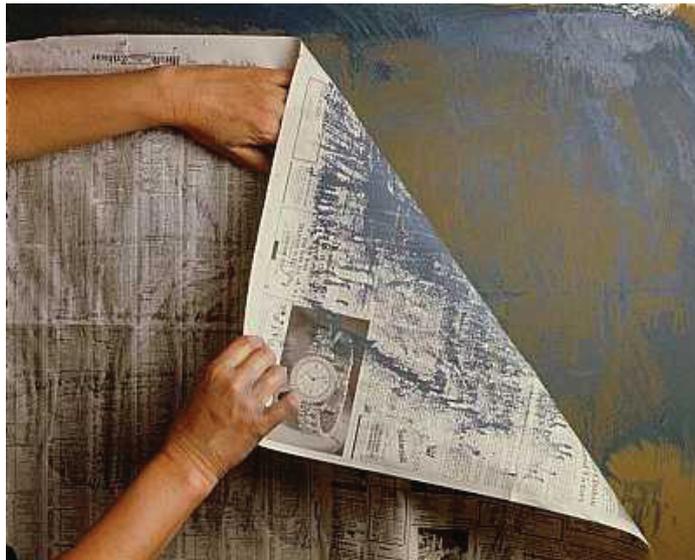


Imagem de frottage feita em parede e impressa sobre jornal.

Ao finalizarem, recolha as folhas com as texturas impressas, pois é necessário, na próxima aula, discutir a experiência. Peça para que arquivem no portfólio os exercícios.

Sugerimos que fotografe ou faça filmagem destas experiências.

Para casa: Proponha a coleta de outras texturas, de outros lugares e objetos, e sugira o registro de onde foram retiradas, bem como outras informações que acharem pertinentes. Peça que sejam anexadas no portfólio.

Aula 2

Recursos: Frotagens produzidas pelos estudantes, caderno e caneta.

Professor: organize uma dinâmica em que todos exponham as pesquisas da aula anterior a fim de que possam analisar as produções entre si e falar de suas experiências na coleta de texturas durante o passeio pelo pátio. Para estimular os diálogos propomos algumas questões. Outras podem ser acrescentadas caso deseje, no intuito de ajudar a orientar a discussão.

- Você já vivenciou experiências assim? Em que momentos? Se tiver vivenciado, comente.
- Alguém lhe ensinou ou você aprendeu sozinho?
- Já havia reparado na diversidade de texturas que existem em diferentes locais e objetos?
- Que tipo de textura você identifica na imagem coletada? São lisas, rugosas, ásperas...? Descreva.

- Já ouviu falar sobre gravura? O que você entende por gravura?
- Você conhece alguém que trabalha com gravura? Em caso afirmativo, faça a descrição do trabalho do artista.

Após essas questões é possível fazer um diagnóstico dos interesses e conhecimentos dos estudantes sobre a modalidade a ser trabalhada.

É importante direcionar as questões relacionando-as à produção. Apresente o conceito de *frottage*, ficando atento para que todos participem. Oriente para incluírem no portfólio a atividade de pesquisa das texturas. Se for possível, fotografe, filme ou faça um relatório da discussão. Sistematize suas respostas e leve para a aula. Sugestão: Painel coletivo onde serão fixadas as respostas descritas em tiras de papel.

Problematize! Você pode criar outros critérios, buscando ampliar as discussões.

Instrumentos para verificação da aprendizagem	Critérios
<ul style="list-style-type: none"> • Participação na discussão de sala de aula. • Participação na produção escrita do painel. 	<ul style="list-style-type: none"> • Diálogos professor/estudantes sobre a abordagem: textura. • Atenção ao que está sendo exposto. • Relatos verbais.

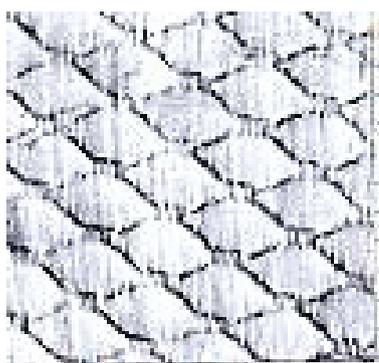
Aula 3

Gravar é uma atividade conhecida desde a antiguidade e em quase todas as culturas (vide texto em anexo). No Brasil, no período colonial a gravura foi muito utilizada, pois ampliava as possibilidades de trabalho dos documentaristas que faziam paisagens, retratos e desenhos da botânica. A gravura possibilita refletir e registrar o ambiente natural e cultural mais significativo de nossa história.

Nesse sentido, professor, estimule os estudantes falando das possibilidades artísticas dessa modalidade, despertando para a curiosidade e a necessidade de conhecer e aprender a produzir gravuras. Esclareça que o artista não se faz somente de inspiração ou de talento, mas sim de pesquisa, trabalho e envolvimento. Fale das técnicas a serem verticalizadas nesta proposta, que é a de carimbo e monotipia. Que estas contemplarão as aprendizagens que já possuem em arte, considerando o uso dos materiais e suportes propícios à idade e aos conhecimentos já adquiridos. Outra possibilidade de trabalho é a criação de um álbum de imagens pelos estudantes. Incentive-os a mergulharem em suas próprias histórias, da família, do lugar onde vivem e das relações sociais que es-

tabelecem, despertando o olhar e utilizando essas narrativas na construção de imagens, assim como fizeram os artistas viajantes estrangeiros nos séculos XVI a XIX, possibilitando através da técnica de gravura, a divulgação pela Europa nas primeiras imagens da América.

Peça para que cada estudante escolha uma das frotagens feitas na primeira aula. Como atividade, peça para que façam um desenho de contorno, de silhueta sobre a imagem (vide anexos exemplos), e depois recorte. Prepare previamente um painel e fixe-o na parede. Em seguida, escreva uma frase. Sugestões: “Nosso lugar é assim”... Ou “O lugar que idealizei.” Observe:



(frottage na íntegra e recortada)

Para casa

Peça para que escrevam um breve depoimento a respeito de suas origens, de lugares marcantes por onde passaram e dos lugares percorridos até a escola. Anexar em portfolio.

É importante que a escrita seja exercida nas aulas de arte, até mesmo para reforçar as aprendizagens.

Aula 4

Leve para sala de aula imagens de diferentes modalidades de gravura. Para isso, pesquise em sites de museu, catálogos de exposições, revistas, galerias, ateliers de artistas etc. e leve para a sala de aula. Com o auxílio da projeção (data show, retroprojektor) ou da ampliação das imagens (pôster), apresente as gravuras para que os estudantes compreendam as diversas possibilidades de ver, representar, gravar, estampar e imprimir suas impressões culturais, além de aprenderem a distinguir e identificar, nestas imagens, quais especificidades da

gravura estão presentes, se monotipia, se colagravura, se carimbo, xilogravura, linóleogravura, litogravura...

Professor: é imprescindível que a compreensão crítica, a contextualização e a produção das imagens escolhidas sejam discutidas com a turma. Retome ao caderno 5 - *Matrizes curriculares do 1º ao 9º ano – Currículo em Debate*, para se inteirar da abordagem metodológica.

Retome as *frotagens da primeira* aula produzidas pelos estudantes, falando da experiência de apreender texturas de superfícies de diferentes lugares do espaço escolar. Dialogue com a turma acerca das relações entre a experiência que tiveram e as imagens apresentadas. Fale sobre as características dos suportes em que cada uma é trabalhada e consulte o texto complementar em anexo.

Instrumentos para verificação da aprendizagem	Critérios
<ul style="list-style-type: none">• Participação na sala de aula.	<ul style="list-style-type: none">• Diálogos professor/ estudantes sobre as imagens e os temas apresentados.• Identificar nas gravuras as técnicas.• Atenção ao que está sendo exposto.• Relatos verbais.

Aula 5

Professor, a proposta desta aula é de que os estudantes experimentem a técnica do carimbo. Apresente várias opções de recursos materiais para desenvolver tal técnica. Se possível, leve alguns modelos prontos ou construa previamente e leve para a sala de aula. Os carimbos podem ser de EVA, cortiça, borracha, batata, rolhas de cortiça etc. A proposta é de que os estudantes experimentem coletivamente ou em grupos essa técnica. O resultado será a criação de um painel.

O carimbo consiste em recortar desenhos simples, moldes, figuras, silhuetas, letras, números... Os retalhos dos recortes também podem ser aproveitados.

Para casa: Peça para que preparem desenhos simples, formas orgânicas, geométricas, simplificadas para a produção de carimbos da próxima aula. Oriente-os a levar para a sala de aula esses pré-projetos e não dispensá-los de-

pois, mas anexá-los ao portfólio, afinal faz parte do processo de construção da aprendizagem acumular as pesquisas extra-escolares.

Procedimentos para carimbo de EVA:

Peça para os estudantes observarem as imagens registradas em seu portfólio. Cada estudante terá seu carimbo, sugira para que escolham figuras ou silhuetas simples e transfira-as para o EVA. Devem escavar, raspar e cortar a superfície do EVA até obter uma imagem em alto ou baixo relevo, sabendo-se que onde o material foi retirado não receberá tinta, portanto não será estampado, e a imagem ficará invertida,. Deve-se então planejar com antecedência o sentido desejado. Oriente a turma para que tenha cuidado ao utilizar a cola quente ou cola de isopor, pois é necessário muito cuidado ao manuseá-las.

Discuta com os estudantes sobre o valor estético das produções elaboradas em EVA (linhas, formas, texturas, planos etc.) refletindo a relação homem, lugares e suas interferências

Instrumentos para verificação da aprendizagem	Critérios
<ul style="list-style-type: none">• Pesquisa e investigação de materiais• Portfólio.	<ul style="list-style-type: none">• Clareza na elaboração das ideias• Observação das imagens do portfólio• Apresentação• Organização• Limpeza• Expressividade• Produção• Participação efetiva no trabalho individual e em grupo.

Aula 6

Nesta aula serão estampados os carimbos produzidos pela turma. Dando prosseguimento à aula anterior os estudantes terão a oportunidade de experimentar a impressão dos próprios trabalhos. A proposta é produzirem painéis temáticos ou um único painel coletivo que contemple os carimbos confeccionados pela turma.

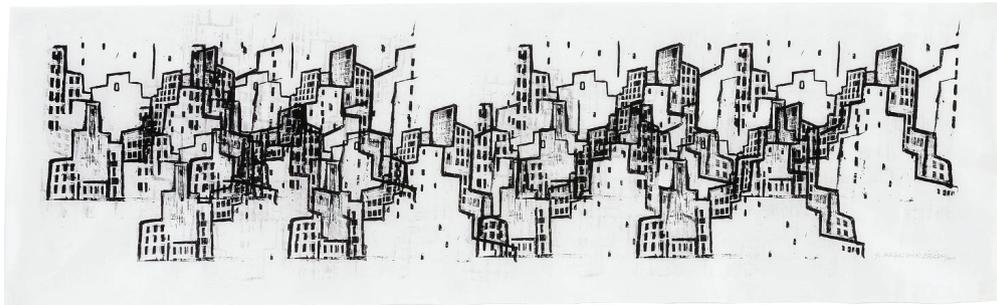
Inicie o trabalho prático com os carimbos colocados sobre uma mesa para que os estudantes, posicionados ao redor, os separem por afinidade temática. Prepare, antecipadamente, outros espaços com papel, pincel (o uso do pincel é para entintar o carimbo, substitui a almofada de carimbo) e tinta sobre a mesa para que os estudantes criem uma composição com os carimbos escolhidos. Conscientize-os para o trabalho cooperativo. A superfície da figura deve ser entintada com guache e carimbada em seguida sobre o papel repetidamente ou combinado com carimbos de formas e figuras diferentes, podendo até mesmo criar superposições. Ao final, peça para que elaborem um tema para o painel e apresentem-no. Verifique a possibilidade de organizar uma exposição dos trabalhos.

Sugestão: o painel pode medir entre 90 cm x 1, 10 cm. Podem também utilizar cores diversificadas para fazer as impressões. Atente para que seja utilizado todo o espaço do papel.

Para casa: Peça para que, individualmente, escrevam um texto curto que fale sobre a experiência de estampar as imagens pela técnica do carimbo. Solicite que essa reflexão seja anexada ao portfólio.

Aula 7

Professor: a proposta desta aula é que seja promovido um ambiente de compreensão da imagem atribuindo-lhe significados e relacionando-o com outros. A princípio apresente a imagem e proponha a observação, a composição e a plástica dos elementos visuais que compõem a imagem e, posteriormente, os elementos temáticos que sugerem a gravura. Sejam também observadas as relações que a imagem traduz sobre o cotidiano e os lugares em que os estudantes transitam.



José Cezar Teatini Clímaco Título: Metropolis (XXXIV) Data: 2006 Dimensões da imagem: 0,38 x 1,20 cm.

Técnica/processos: Serigrafia Impressão em papel Arroz

A imagem da gravura acima representa, através de linhas retas, uma percepção da realidade, um olhar sobre a cidade, os lugares em que os sujeitos estão inseridos, ou seja, inundados no concreto dos grandes edifícios. A pai-

sagem está sendo modificada pelo cotidiano, pelo ritmo da pressa e dinamismo, e assim a cidade vai ganhando vida, vida que surge de repente, que nasce das linhas horizontais e verticais, repetidas, fixas ou em movimento.

Converse com a turma sobre o assunto. Faça perguntas a respeito do lugar onde moram, se há semelhanças entre a imagem representada e sua realidade, se o ritmo de vida de sua cidade é marcado pelas grandes construções verticais ou horizontais, enfim, qual é a paisagem que marca o local em que vivem.

Após a observação, o olhar voltado para o seu lugar, o estudante poderá fazer conexões e compreender como o artista consegue expressar por meio de uma linguagem a realidade em que vive.

Da interlocução com a turma sobre os diferentes lugares que a ação humana tem modificado e construído, proponha um desenho-esboço para uma futura aula de gravura. Como um arquiteto que planeja seu edifício, sugira aos estudantes que construam composições interessantes de lugares conhecidos ou imaginários que resultem do confronto de diferentes linhas, proporcionando sensações de movimento e expressividade.

Oriente-os a produzir imagens em que as linhas estejam presentes. Esta proposta poderá ser distendida em casa, com novos desenhos.

A compreensão crítica desenvolve e amplia o olhar sobre o mundo e sobre os sujeitos por meio das representações. Ao lidar com a compreensão crítica a ação docente se pauta, por exemplo, na discussão das relações de poder, de gênero, sexualidade, juventude, que são vinculadas às elaborações visuais, sonoras, estimulando a refletir sobre os significados e a produção de sentidos. O que os artefatos culturais falam ou não falam de mim: estudante, jovem, trabalhador ou trabalhadora, consumidor ou consumidora? O que falam e não falam do “outro”? Quais relações me permitem estabelecer? Quais memórias/trajetos acionam? Como posso agir/intervir sobre eles?

Nessa oportunidade, resalte os conceitos da matriz curricular: abstrato e figurativo, linear e pictórico, bidimensional e tridimensional para auxiliar nas definições do desenho.

Instrumentos para verificação da aprendizagem	Critérios
• Desenho	Uso do papel - O tamanho do desenho em relação ao papel deve ser apropriado. Escolha o formato “paisagem ou retrato” que melhor se ajuste a idéia a ser desenhada (vertical ou horizontal?). A centralização do desenho no papel também é muito importante.

<ul style="list-style-type: none"> • Desenho 	<p>Proporção – É um aspecto essencial no desenho, saber observar as proporções daquilo que se desenha.</p> <p>Rascunhos - O resultado final do seu desenho deve ter caráter de rascunho. Ou seja, rabiscado, nervoso e solto. Nada de passar a limpo! Evite ao máximo o uso da borracha.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa imagética 	<ul style="list-style-type: none"> • Diversidade • Criatividade • Organização • Coerência com a proposta. • Formas de representação e apresentação.

Segundo Hernandez (1998, 2000) As obras de arte e as imagens podem ser compreendidas sob perspectivas diferentes, nos âmbitos de compreensões de outras disciplinas e saberes humanos, como a História da (sociedade e da cultura) a Antropologia, a Estética, a Pedagogia Crítico Social e a Biografia dos indivíduos. Há 5 âmbitos de compreensão, que apresentamos a seguir:

- **Histórico – antropológico:** Faz referência à pergunta: **como**. No modo de vida das culturas representadas na imagem.
- **Compreensão do significado estético – artístico.** Faz referência à compreensão da pintura histórica como sistema de representação do universo visual: códigos simbólicos e referências culturais.
- **Compreensão no âmbito pedagógico:** Se relaciona com a pedagogia crítica na qual uma imagem pode ser estudada.
 - O que podemos ensinar/ aprender com essa imagem?
 - Que metodologias de leitura podem facilitar a interpretação crítica de uma imagem?
- **Compreensão do significado biográfico:** Como cada pessoa se relaciona com a imagem, o que ela diz sobre a vida da pessoa. Em que medida a história pessoal ajuda a interpretar a imagem.
- **Compreensão do significado crítico-social:** Define-se a partir de perguntas. Leva em conta *poder e saber como* ou o *que*. A quem beneficia e a

quem prejudica a visão de mundo que está na imagem representada, ou seja, como as imagens ajudam a interpretar criticamente o mundo social em que vivem.

Aula 8

Nesse momento iniciaremos o processo de produção e impressão de gravura. O estudante fará, nesta aula, experiências usando a técnica de monotipia. Poderá ser uma elaboração individual, ou colaborativa no uso dos materiais, das interações e das ideias. Solicite previamente da turma os materiais a serem usados nesta aula. Essa atividade deve utilizar os conhecimentos anteriores da Sequência e os desenhos produzidos na aula 7.

A monotipia possibilita a impressão de apenas uma cópia. O desenho é feito manualmente, sendo possível a utilização de diversos suportes como: superfícies de plástico rígido, metal, vidro, madeira (fórmica), ou seja, superfícies lisas que não absorvem as tintas. Escolha um(a), dentre esses suportes. Em seguida, espalhe a tinta sobre a superfície do suporte, com a ajuda do pincel. Cubra as áreas desenhadas variando a direção de suas pinceladas arranhando com palito ou pressionando plásticos e outros materiais na obtenção de texturas variadas. Após o desenho entintado sobre o suporte, o papel é friccionado apenas com a pressão das mãos sem movimentos circulares, para que não borre ou misture a tinta.

Ao retirar cuidadosamente o papel, terá a primeira impressão. Não será possível outra cópia idêntica. Portanto, a superfície será entintada novamente para que um novo desenho seja impresso.

Sugestões: O papel utilizado para a impressão poderá ser levemente brilhante ou semi-absorvente, como papel jornal, no intuito de conseguir melhores resultados de impressão. Outra possibilidade é colocar um desenho abaixo de do suporte de vidro, pois através dele é possível a visualização e o trabalho de composição. Uma cola branca comum também pode ser usada para fazer o relevo da linha de desenho sobre o vidro. Outra informação sobre a tinta, é que ela não pode ser aguada, precisa ser bem consistente, pastosa.

Professor: registre, fotografe ou filme esta aula e, no final desta Sequência, mostre aos estudantes o processo de impressão, pois isso estimula novas experiências. Oriente-os para que após a secagem das impressões, as anexem ao portfólio.

Atenção, a quantidade de tinta no pincel deve ser moderada, nem muita, nem pouca. Se a tinta for aplicada demasiadamente espessa, pode borrar, e se for muito fina não gravará bem. É importante que a cópia não se suje, para tanto se aconselha o trabalho em duplas, ou grupos para que um se apoie no outro no processo de impressão.

Para casa: Sugira que escrevam um breve relato sobre esta experiência e anexem também ao portfólio.

Aula 9

Inicie esta aula retomando as atividades já trabalhadas. Converse com a turma sobre as experiências vivenciadas, os conhecimentos já adquiridos por meio das imagens, as impressões já construídas pelos artistas citados e também as impressões produzidas por eles (os estudantes).

Nesta proposta a intenção é trabalhar com as possíveis intervenções, apropriações, citações nas imagens já estampadas e impressas. Para isso é possível se utilizar de colagem, de desenho, de bordado, de costura, de pintura, de outra impressão. A ideia é que se coloquem sobre a imagem outros elementos, que se dê à imagem outras possibilidades plásticas, oferecendo novos modos de construção e de ver.

Veja as imagens:



José Cezar Teatini Clímaco. Título: Metropolis (XL) Data: 2006 Dimensões da imagem: 43 x 39,5 cm . Técnica/processos: gravura em metal Impressão com sobreposição e china collée, em papel cansón.



Heliana de Almeida. Técnica mista (gravura, aquarela, desenho e colagem) Dimensão: 60 X 42 cm.
Data: 2008. Temática: enfoque na natureza. Início da pesquisa em 1980.

Projete as imagens por meio de um datashow ou retroprojeter para que os estudantes possam ver as intervenções trabalhadas nas gravuras e observarem como os artistas se utilizaram de outros elementos, combinando a técnica de gravura com materiais simples do cotidiano (linhas, folhas, recortes de revistas). Convide os alunos a criarem interferências em trabalhos realizados anteriormente, estabelecendo diálogos com essas criações artísticas, reforçando seus significados e ampliando suas possibilidades de leitura, saindo do lugar comum e deixando-se levar pela poesia.

Peça para que criem novos sentidos para as suas criações, unindo-as a materiais como retalhos de tecidos, linhas, papéis com ou sem ilustrações, fotografias, folhas etc., elementos que fazem parte de suas vidas ou que pertençam a sua cultura, ao lugar em que vivem, estabelecendo relações entre as imagens e as experiências pessoais.

Professor, leve seus alunos a refletirem a maneira pela qual cada um percebe e se utiliza dos materiais a sua volta e encoraje-os a pensar em como podem ampliar e desenvolver atitudes de conservação e preservação dos diferentes lugares em que transitam. Oriente para que anexem os trabalhos no portfólio.

Instrumentos para verificação da aprendizagem	Critérios
<ul style="list-style-type: none"> • Portfolio 	<ul style="list-style-type: none"> • Realização da atividade. • Capacidade interpretar e interferir com materiais diversificados a imagem. • Coerência com o tema proposto. • Acabamento. • Organização. • Limpeza. • Dimensão. • Enquadramento.

Aula 10

Nesta aula a proposta é que os estudantes coloquem sobre a mesa os seus portfólios para avaliação do percurso de produção e apreciação das imagens produzidas, identificando e separando-as de acordo com os temas sugeridos. Sugestões: figurativos e abstratos, lineares e pictóricos, ou técnicas, como: *frottagem*, carimbo, monotípias, técnica mista.

Oriente os estudantes para que façam suas escolhas mediante os conhecimentos adquiridos no decorrer das aulas, que considerem também seu gosto pessoal e apresentem um trabalho para ser socializado na sala de aula através de um relato de experiências. Observe com os estudantes como os nossos desejos aparecem refletidos nas imagens e como dialogam com os desejos dos demais e, principalmente, com as questões cotidianas, dos grupos nos quais estamos inseridos.

Tais observações possibilitam iniciar uma futura exposição das gravuras dos estudantes na escola.

Aula 11 e 12

Estas aulas estão direcionadas à confecção de *paspateur* para as gravuras. Oriente as turmas para os materiais necessários para esta confecção. Os procedimentos são:

- Medir a largura e o comprimento da gravura para determinar o tamanho da prancha (a folha do papel, a cartolina) que será usada para fazer a “janela”. Recomenda-se o *paspateur* com margens de 5 a 6 cm. O tamanho do

papel deverá ter o tamanho da gravura, somado à largura das margens.

- Oriente para o corte com a tesoura do *paspaceur* no tamanho calculado.
- Após o corte, faça, com lápis e régua, a marcação das margens onde será cortado o papel para fazer a “janela”. Esta deverá ter comprimento e largura um centímetro menor que a fotografia.
- Com a tesoura, faça um furo no centro da prancha. O corte deve ser feito com precisão e não deve ultrapassar as marcações das margens.
- Termine o corte nos cantos manualmente com uma tesoura de ponta; este cuidado é importante para o acabamento da janela ficar perfeito e evitar que fiquem rebarbas de papel. Retire o papel e está pronta a janela.
- Aplique cola em bastão no verso da gravura. Também pode ser usado cola líquida ou fita dupla face. Procure usar um material de ph neutro.
- Colar a gravura em outra folha de *paspaceur*, usando um rolo (serve rolo de espuma). Levantar a ponta da gravura e passar o rolo com firmeza, de maneira uniforme, para evitar bolhas de ar sob a gravura.
- Aplique cola líquida em um dos lados do “*paspaceur* janela”.
- Cole a janela cuidadosamente sobre a outra prancha com a gravura.
- Use o rolo novamente, com maior pressão, para colar bem uma prancha na outra.
- Retire o excesso da prancha de baixo com tesoura e a gravura está pronta para ser exposta.

Na margem de um centímetro abaixo da gravura coloque a lápis os dados referentes à imagem, como: n° de tiragem, título da obra, assinatura do autor e ano de sua impressão.



Exemplo de “Paspaceur” (moldura).

Instrumentos para verificação da aprendizagem	Critérios
Pesquisa	Referencias bibliográficas
Paspateur	<ul style="list-style-type: none"> • Acabamento. • Organização. • Limpeza. • Dimensão. • Enquadramento.
Aplicação do conceito na pratica.	<ul style="list-style-type: none"> • Coerência com conceito proposto

Aula 13

Professor: agende previamente uma visita à galeria ou museu. A expectativa é levar o grupo a conhecer espaços de interação da arte, bem como visualizar uma exposição no sentido de auxiliar na montagem da exposição dos trabalhos impressos e organizados em *paspateur*.

A dinâmica da visita será norteadada por uma “ficha de visita a galeria” (ver anexo). Nessa ficha o estudante responderá questões sobre curadoria, monitoria bem como as expectativas ao chegar e sensações ao sair, escolhendo dentre o acervo em exposição, uma obra, uma imagem para se aprofundar e relacionar com o eixo temático *lugares*. Introduza os critérios que envolvem uma exposição. Explique que uma exposição envolve uma organização complexa, chamada curadoria, e peça uma pesquisa sobre o assunto. Acrescente também informações sobre monitoria e converse sobre a necessidade dela na exposição.

Curadoria: A expressão “curadoria” é recente no domínio das artes plásticas. A origem epistemológica da palavra curador vem do latim, de “*curator*”, que significa tutor, “aquele que tem uma administração a seu cuidado”. Nas artes visuais, o curador é aquele que “zela por uma coleção ou a concebe, organiza e supervisiona a montagem de uma exposição”.

Aula 14 e 15

Agora é o momento de socialização, seleção, montagem e exposição dos trabalhos. Para isso, professor, organize e coloque todas as produções sobre as mesas ou no piso fazendo com os estudantes a divisão dos trabalhos que serão expostos, por exemplo: separem em grupos de abstratos, figurativos, gêneros...

esse também é um excelente momento para analisarem criticamente as imagens produzidas.

A partir do que foi apreendido na visita ao museu ou galeria, oriente a montagem e a curadoria da exposição a ser feita nas dependências da escola.

Ao finalizar o processo, avalie com os estudantes por meio das questões:

1. Como foi a experiência de criação das gravuras?
2. Foi desafiador abandonar o lápis e desenhar com outros materiais?
3. Que sensação você experimentou ao ver a primeira cópia impressa?
4. Já esperava esse resultado ou foi surpreendente?
5. Os resultados saíram diferentes a cada cópia?
6. Você percebeu diferenças entre o processo de colorir e pintar e os processos da gravura? Quais?
7. Como se sente nesse momento, vendo o resultado de seu trabalho exposto para a escola?

Problematize! Você pode criar outros critérios, buscando ampliar as discussões.

Instrumentos para verificação da aprendizagem	Critérios
Participação em sala de aula	<ul style="list-style-type: none">• Diálogos entre professores e estudantes com evidência no trabalho.• Comportamento dos estudantes.• Relatos verbais.

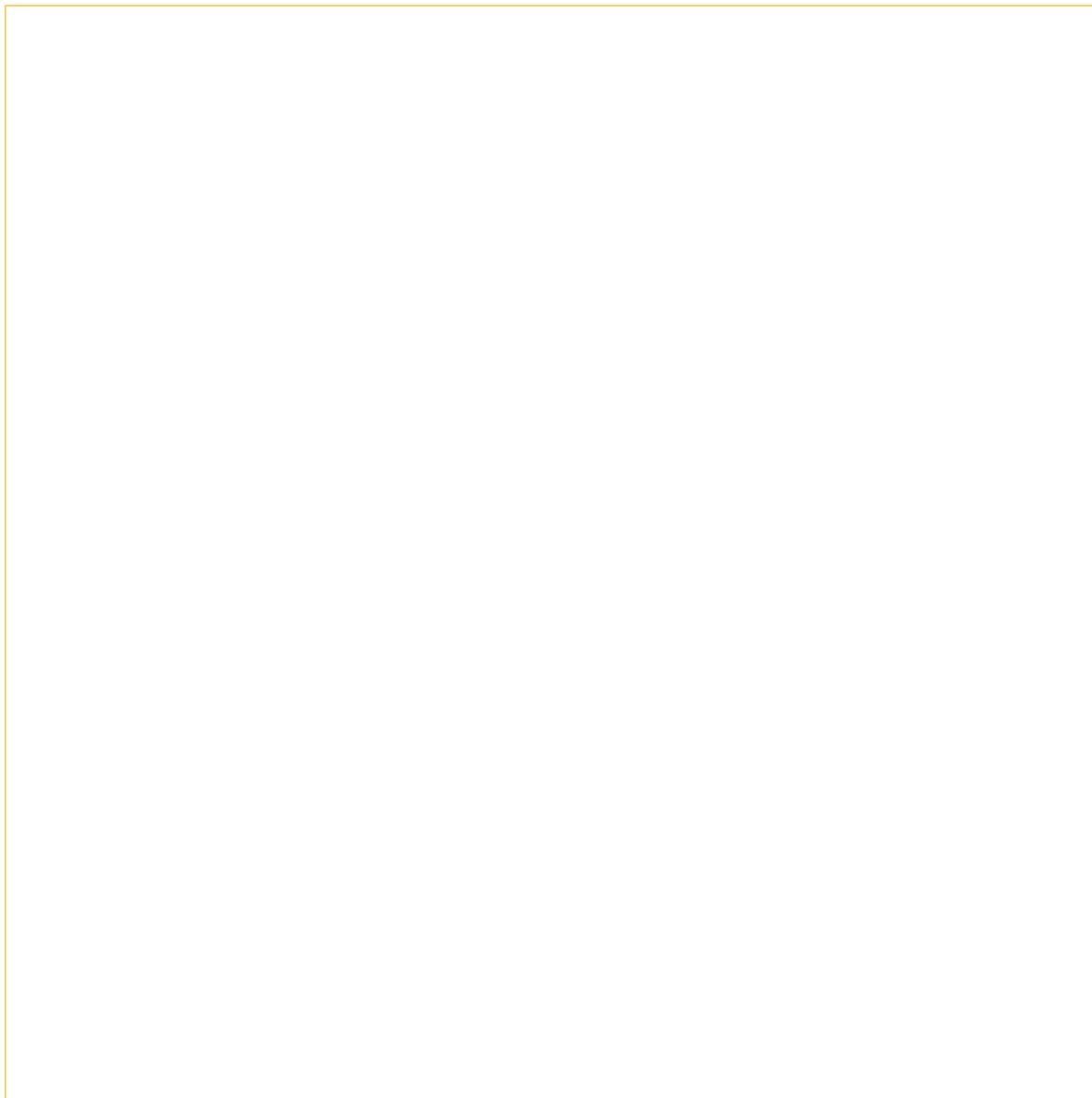
Professor, esta experiência o auxiliará na escrita de uma próxima Seqüência, ainda sobre a temática da gravura, podendo proporcionar aos estudantes o contato com outra especificidade, e em outros métodos, com outras técnicas. Sempre privilegie a construção do estudante na compreensão crítica, contextualização e produção.



ANEXOS

FICHA DA VISITA AO MUSEU

1. Como funciona uma mostra ou exposição?
2. Que critérios são utilizados na seleção das obras a serem expostas?
3. Como se organizam no ambiente os trabalhos dos artistas?
4. Quais regras são postas para os expositores e para o público visitante?
5. Qual a função do monitor na exposição?
6. Desenhe no espaço abaixo uma imagem que tenha lhe chamado atenção na exposição.



Referência:

OLIVEIRA, Marilda de & Fernando Hernández (orgs) - *A formação do professor e o ensino das artes visuais*. Santa Maria - PR, Ed. UFSM, 2005. 232p.:Il.

Glossário:

Portfolio - O Portfolio é o nome dado às pastas de anotações e anexos, podendo ser denominado também como protocolo de atividades diárias. Para o professor o portfolio pode auxiliar para coletar referências de textos, imagens, descobrirem novas, anotar ideias de outras propostas pedagógicas que possam incrementar o trabalho.

Frottage - (termo francês) significa fricção. É uma técnica de desenho na qual uma folha de papel é colocada sobre qualquer material áspero, como pedaços de madeira ou pedra, e tratado com lápis ou giz de cera até adquirir a qualidade superficial da substância original.

Apropriação – em termos gerais, refere-se, basicamente, ao ato de alguém se apossar de alguma coisa que não é sua como se assim o fosse. Na arte contemporânea, essa expressão pode indicar que o artista incorporou à sua obra materiais mistos e heterogêneos que, no passado, não faziam parte do campo da arte, tais como imagens, objetos do cotidiano, conceitos e textos. Pode indicar também que o artista se apropriou de partes ou da totalidade de obras de autores que ocupam lugar consagrado na história da arte.

Citação - se refere à produção artística que utiliza imagens preexistentes, pertencentes a obras de arte, histórias em quadrinhos, cinema, televisão etc. Nesse sentido, pode-se comparar a apropriação a uma espécie de colagem de fragmentos, advindos de origens diversas. Para Barbosa [2005], o uso em determinada produção, de elementos que se relacionam a artistas, situações e movimentos consagrados pela história da arte, admitindo-se que seja empregado, até mesmo, o modo de trabalhar ou a cor mais comum utilizada pelo artista citado.

Texto Complementar

Gravura e métodos de impressão

A gravura é uma técnica de reprodução de imagens concebida a partir das marcas, sulcos e relevos feitos em placas, resultando neste processo a matriz, trabalhados em suportes de diferentes materiais. O resultado fica impresso em um papel, ou seja, a tinta deixa sobre o papel as marcas da matriz formando assim uma imagem. Gravar é parte do universo das artes gráficas, visto que há outras possibilidades de se obter uma imagem, como por meio da estamperia. A digital contida na carteira de identidade é exemplo de um dos princípios para se compreender a produção gráfica, o dedo é a matriz, e a marca é a impressão.

A multiplicação de um original - a partir de uma matriz geradora veio romper com a tradição valorativa da peça única, provocando uma renovação que iria afetar inclusive o conceito e as avaliações estéticas. O valor de uma obra que aumenta ou diminui pelo fato de estar limitada a um possuidor privilegiado é quando muito, posta em questão. Esse valor na obra de multiplicação aumenta na medida do seu desdobramento, uma vez que patrocina a possibilidade de um convívio sem barreiras geográficas, sociais e culturais, com imagens, conceitos permanentemente transformadores da realidade. Assim a gravura vem expressar os anseios dos homens, sociais e culturalmente distanciados e diferenciados, consignados deste modo o seu alto sentido democrático.

A gravação e a impressão são duas operações fundamentais do processo gráfico e para a compreensão do contexto histórico, das técnicas da gravura, e de seus métodos enquanto linguagem artística.

Podemos melhor conhecer a gravura, as artes gráficas, lançando um olhar mais demorado pelo passado. Desde os tempos mais remotos que o homem reflete seu desejo de comunicar sobre seu tempo. Resquícios deixados por antigas civilizações contribuem para a identificação dos traços desta arte, seja em peças utilitárias ou de adorno. Gravava-se em peças de pedra, de couro, de osso, na argila, em chifres, de cascas de árvore, de bambus, metais, e etc. Neste contexto, é importante frisar também o papel, pois foi e é de extrema necessidade seu uso, visto que a partir da criação dele é que a ação se complementa: a impressão do relevo gravado.

Historicamente a China foi pioneira na criação do papel e do método da xilogravura, foi no Japão que as xilogravuras ganharam repercussão levando informação massiva a população divulgando os acontecimentos da época. Nesse sentido, podemos entender que a produção de uma matriz gravada, seja em alto ou baixo relevo possui a finalidade de ser impressa inúmeras vezes e gerar gravuras semelhantes entre si. Deixamos diversas marcas ao longo de nossa vida, como as das marcas dos pés deixados na terra, que é também uma ma-

neira de dialogarmos com as impressões. Outra questão importante é do fato de que a gravura é utilizada para dar nome tanto à linguagem quanto ao seu produto, ou seja, tanto ao processo de produção quanto às cópias produzidas a partir da impressão de uma mesma matriz gravada. O termo Gravura é usado de maneira incorreta, equivocada, sobretudo na escola, sendo interpretada com as reproduções de imagens contidas nos livros de diferentes áreas do conhecimento. A gravura é uma modalidade da arte, antiga e fundamental para a ampliação do conhecimento das artes gráficas e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da história.

Em se tratando de impressão há em várias culturas formas inusitadas de se obter imagem pela impressão, como por exemplo, pela pintura corporal no qual se produz carimbos feitos de materiais da natureza, tronco ou barro. Em 57d.C os nobres, imperadores utilizavam de carimbos feitos de ouro maciço, desta maneira podemos perceber a importância da gravura e da impressão dentro do contexto histórico, social e político de diferentes grupos humanos. Na sequência do texto vamos nos delimitar sobre aspectos procedimentais da gravura e dos métodos de impressão; aditivos, subtrativos, efêmeros, fotográficos e digitais recebem destaque, ainda que haja no estudo desta modalidade muita discussão conceitual, porém o que é válido neste estudo é conhecermos e considerarmos que a gravura utiliza todas as técnicas de impressão que possam gerar uma tiragem composta por cópias semelhantes entre si, originadas a partir de uma matriz gravada em relevo ou encavo. Importante frisar ainda sobre os processos gráficos que uma gravura original não tem o sentido de uma cópia ou de reprodução. É um múltiplo, onde cada peça é um original. Esse múltiplo é identificado modernamente, desde o século XIX, como sendo a gravura que perdeu o sentido de pura ilustração ou cópia de outra obra qualquer. Isto é, quando a gravura tinha apenas a função de registro, documentação e apoio para um texto e divulgação em nível de reprodução de imagens consagradas. Toda gravura original é numerada e assinada pelo artista a lápis. Uma edição de gravuras compreende as provas numeradas ex: 1/100 a 100/100 e as prova de artista e arquivo ex: P.A (obs. as provas de extra edição não ultrapassam 20% das numeradas e têm o mesmo valor de mercado).

Monotipia

A monotipia – mono: um; tipia: impressão, uma única cópia, ou seja, uma técnica que permite uma só impressão, uma única estampa. A monotipia por natureza possui aspecto efêmero pela sua curta duração. A monotipia é um processo de transferência de uma superfície a outra que se situa entre a gravura, o desenho e a pintura. Apropriada às práticas artístico-pedagógicas ligadas às artes gráficas na escola, pois não exige materiais complexos e é de simples execução. Procedimentalmente a monotipia pode ser produzida sob superfícies

lisas e impermeáveis tipo: tampo de vidro, radiografia, acetato, fórmica, bancada de pedra polida... e para produzi-la é preciso que se pinte uma imagem com a tinta. Se estiver usando uma tinta à base de óleo poderá trabalhar com mais calma. Mas se a tinta for à base d'água, terá que correr contra o tempo, este é seu caráter efêmero, pois ela seca mais facilmente inviabilizando, assim, a impressão da estampa.



Estampa de argila s/ tecido.

Fotografia de Fernanda Moraes.

Podemos produzir monotípias por métodos aditivos, ou seja, acrescentar por camadas de tinta acumuladas a pincel; também pela tinta retirada com os próprios dedos, no caso o método subtrativo. Há outros dois métodos de produção de monotípias: o Positivo e o Negativo. O processo Positivo é feito a partir de uma superfície entintada uniformemente. O ideal é utilizar tinta gráfica, mas a tinta a óleo para pintura também serve. O método Negativo nada mais é do que a impressão dos vestígios deixados pelo processo Positivo. Ou seja, após retirar a impressão em Positivo, imediatamente coloque outra folha de papel sobre a mesma área entintada e faça pressão nas costas do papel para obter a impressão em negativo. O resultado será a imagem das linhas que você acabou de fazer, só que em negativo, ou seja, mais claras ou até mesmo brancas.

Xilogravura

O termo Xilo vem de xylon, o qual significa madeira. Xilogravura é, portanto, uma técnica de impressão em relevo, nas quais as partes 'altas' da matriz são entintadas e impressas a partir de uma matriz de madeira.

A gravura derivada de uma matriz de madeira (xilogravura) foi a mais antiga técnica a qual permitiu a multiplicação da imagem em várias estampas, sua

origem está relacionada às primeiras impressões ornamentais sobre tecidos, praticadas pelos árabes e pelos habitantes da antiga Índia. O desenvolvimento dessa técnica, no entanto, pertence ao Extremo Oriente, principalmente após a invenção da fabricação de papel, pelos chineses, no ano 105 da nossa era. Os exemplos mais antigos de utilização de matrizes de madeiras para a impressão originam-se da Coreia (751 d.C.) e da China (618-906 d.C.).

Foi da necessidade de reprodução de imagens e textos que a xilogravura ganhou força e se estabeleceu, antes de tudo, como uma técnica mais de reprodução documental, comercial e editorial do que propriamente artística. A gravação em madeira foi perdendo espaço para a gravura em metal, passou a ser utilizada com mais frequência para fins artísticos. A partir do século XIX a maioria dos artistas começou a explorar a xilogravura poeticamente. No século XX, os gravadores contemporâneos buscaram – e ainda buscam no século XXI - algo que está além do domínio técnico e das funções tradicionais da gravura: o interesse em resolver questões conceituais ligadas não só ao universo das artes gráficas, mas também aos seus anseios e motivações como artistas e seres humanos.

À medida que novas técnicas de impressão e reprodução foram surgindo, processos mais antigos puderam transitar livremente pelo campo da produção poética. Há materiais específicos para a produção de xilogravuras, ferramentas (goivas) para se talhar a madeira, tipos de papel e madeira para se obter a gravação e impressão desta técnica, sugerimos que o professor faça a pesquisa destes para então entendimento e aplicabilidade desta modalidade em sala de aula.

Gravura em Linóleo ou Linogravura

O linóleo foi criado na Inglaterra em meados de 1860, mas só por volta de 1920 é que foi utilizado como matriz para gravura em relevo. O linóleo é um material cujo invento foi patenteado na Inglaterra em 1860 por Frederick Walton. Esse material era indicado para forração (piso). Ele é feito a partir da combinação de óleo de linhaça, serragem de madeira, cortiça, resinas naturais e pigmentos. (enciclopédia britânica). O linóleo é uma técnica na qual as matrizes são em relevo, ou seja, as partes altas da matriz é que serão impressas.

Alguns artistas passaram a utilizar esse material da mesma forma que se utiliza a madeira para xilogravura. As ferramentas para o entalhe são as mesmas utilizadas para a madeira. A diferença está na impressão, pois enquanto a matriz de madeira deixa aparecer os veios na impressão, com o linóleo obtém-se áreas chapadas. Há uma infinidade de emborrachados para sapatos e pisos e uma característica interessante do linóleo é que ele pode ser facilmente recortado com estiletes e tesouras, característica essa que possibilitou a criação da técnica chamada de “matriz recortada”, pois possibilita dar contornos curvos a



matriz, além de proporcionar impressões coloridas, em que as partes recortadas da matriz podem ser entintadas separadamente, com cores e composições diferentes.

Gravura em Metal

A Gravura em metal surgiu na Europa no século XV e é provável que sua origem esteja relacionada ao ofício de ourives que trabalhava o metal com buril. Esta é uma técnica de gravação em encavo, ou seja, a parte a ser impressa é o sulco, logo, a tinta precisa ser empurrada para dentro dos baixos relevos. A prensa é fundamental nesse processo: o papel é umedecido e, sob alta pressão, cede até alcançar a tinta que está dentro dos sulcos. Outra diferença é que enquanto na gravura em relevo os processos de gravação são todos físicos, ou seja, as ferramentas ferem diretamente a matriz, na gravura em encavo a maioria das técnicas acontece também pela ação química de diversos produtos, tais como o ácido nítrico e o percloro de ferro. A ponta-seca, procedimento exclusivamente físico, ou seja, a gravação se dá pela incisão direta de uma ponta dura sobre a chapa de metal.

A gravura em metal – também chamada de calcogravura nasceu em meados do século XV, a partir da ourivesaria, na Europa. O uso do metal desbancou a xilogravura, pois as matrizes de cobre eram bem mais resistentes e podiam oferecer mais detalhes às imagens. A gravação a buril é um processo físico que, como a água forte, produz linhas delicadas, exatas. Já na ponta-seca, ao riscar diretamente o metal, obtém-se uma rebarba que resultará numa linha aveludada, borrada.

Litografia

A litografia, técnica de impressão planográfica (impressão planográfica entende-se que as áreas impressas (desenhadas) e as áreas não impressas (brancas), que se encontram no mesmo plano, à superfície da pedra litográfica). Entende-se por Poliautografia pelo primeiro nome dado por Alois Senefelder à litografia, processo de impressão por ele descoberto por volta de 1796, muito embora desenhar sobre pedra não fosse um processo desconhecido, porém não com intenção de impressão em que a pedra viesse a servir de matriz.

Simon Schmidt, sacerdote e professor bávaro foi provavelmente o primeiro a explorar as possibilidades da pedra como matriz multiplicadora. Apoiou-se em velhos textos encontrados em Nuremberg que faziam referência à utilização da pedra. Schmidt fez experiências trabalhando com materiais gordurosos sobre a pedra-matriz, para produzir imagens de plantas, mapas, peças anatômicas, etc., que eram tratadas à maneira da água forte e impressas à mão. Porém, coube a Alois Senefelder o mérito de ter equacionado e sistema-

tizado os princípios básicos da impressão a partir da pedra. Foi em 1796 em Munique, que Senefelder, autor de teatro de sucesso discutível, na procura de meios de impressão para seus textos e partituras, uma vez que não encontrava entusiasmo por parte dos editores, acabou por inventar um processo químico revolucionário, que permitia uma impressão econômica e menos morosa que os procedimentos gráficos da época.

A invenção da técnica de Litogravura abre novos caminhos para a produção artística como também abre um enorme passo na evolução da impressão de caráter comercial. Procedimentalmente a Litogravura difere dos outros processos gráficos convencionais: não há incisão, cortes ou relevos. A imagem é a semelhança de um desenho sobre papel que fica na superfície. A imagem é fixada na matriz através de processo químico. A impressão é plana. Enquanto na impressão do metal a matriz é prensada entre dois cilindros, na litografia a pedra sobre a mesa desliza sob a pressão de uma trave chamada de “ratora”. O processo litográfico é uma aplicação prática do fenômeno de incompatibilidade existente entre gordura e água. Na primeira etapa da litografia, o artista cria a sua obra em pedra calcária, utilizando-se de um material gorduroso (crayon litográfico, por ex.), terminado o desenho pelo artista, o impressor aplica uma solução de goma arábica e ácido nítrico à pedra. Esta solução é higroscópica e acumula-se em todas as áreas da pedra deixadas em branco, fazendo com que haja um aumento de retenção de água pela pedra. A matriz agora está dividida em duas áreas: a (branca) que retém água e repele gordura, e a (desenhada) que agrega gordura e repele água. Após preparada a superfície da pedra, feita a sensibilização e o desenho, parte-se para a impressão da estampa. Quando a tiragem é concluída, apaga-se a imagem de sua superfície.

Uma pedra litográfica não é descartável, ela pode ser reutilizada inúmeras vezes. Por exigir uma prensa específica, essa é uma técnica menos acessível: você só poderá praticar a litografia ao trabalhar em ateliês que possuam as pedras e a prensa litográfica.

Serigrafia

A impressão de uma estampa por processo de estêncil é uma das mais antigas técnicas que se conhece. Os chineses e japoneses usavam-na já em impressão de tecidos e papéis decorativos, alcançando um extremo requinte. A impressão de estêncil era usada com fins quase que, exclusivamente, ligados a produtos de artesanato e manufatura. Na França, alcançou grande popularidade graças a Jean Papillon, fabricante de papéis de parede.

A serigrafia impulsionou ainda mais a multiplicação dos impressos, dando escala industrial às estampas. Papel, tecido, cerâmica, plástico, vidro e tudo mais que se possa imaginar transformaram-se em suporte para impressão.



Posteriormente, sua utilização se ampliou com propósitos comerciais: cartazes, displays, brinquedos, tecidos e tantos outros produtos já usavam silkscreen como processo econômico de produção de imagens coloridas. Somente por volta de 1936, graças à influência de Anthony Valonis, é que alguns artistas começaram a perceber o potencial do silkscreen como meio de expressão artística. A serigrafia baseia no seguinte princípio: uma película é fixada sobre uma tela de seda ou nylon, esticada firmemente nas extremidades de um bastidor. A estrutura da tela deve ser tal que permita, por pressão de um rodo, ser atravessada em sua trama pela tinta. As áreas de imprimir são “abertas” na película. As áreas que não receberão impressão são bloqueadas por essa mesma película ou emulsão fotográfica, quando for usado processo fotográfico de fixação de imagem. Basicamente, na tela de nylon, cada cor tem uma matriz.

É a soma destas matrizes que organiza o projeto do qual resulta a imagem. A serigrafia não utiliza como as demais técnicas, a prensa. Certos processos mistos se apóiam nas enormes possibilidades da serigrafia.

Colagrafe

Colagrafe – chamada também de Colagrafia, Cologravura, Papelografia, Papelogravura - é uma técnica alternativa de impressão em relevo. Levando-se em consideração o conceito tradicional, ela não é uma técnica de gravura, mas sim de estampa, simplesmente pelo fato de sua matriz não ser composta por incisões, mas sim, por adição de materiais. A colagrafe nada mais é do que a criação de matrizes através de colagens de materiais diversos sobre papelão. A técnica se consiste em criar gravuras em papel, papelão em alturas criadas por cola, tinta, corda, barbante, raspas etc. Pode-se aproveitar a textura original do papel que pode ser amassado, rasgado, cortado e furado, colado um sobre o outro. Impermeabiliza-se a matriz com um verniz para que, em seguida, seja entintada. Possível a impressão colorida. Os procedimentos desta técnica se consistem em passar tinta com um rolo sobre a matriz, porém não atingindo as partes baixas. Pode-se usar a prensa ou a fricção contra as costas do papel com as mãos. Como a matriz da colagrafe não tem material único de característica própria, a estampagem reproduz as diversas superfícies do material empregado. Devido à grande facilidade de misturar materiais de diferentes tramas o resultado é uma impressão rica em texturas.

Técnicas digitais

É a arte da gravura e da estampa com a interferência de tecnologias digitais. Consideramos o universo digital, estamos tratando também de técnicas de criação e reprodução de imagens através da digitalização e do uso de progra-

mas específicos (softwares) de criação e manipulação de imagens. Talvez agora lidemos com matrizes binárias (arquivos gerados por programas de computador) e impressoras e plotters no lugar de prensas, barens ou colheres de pau. Temos à mão vários recursos para produção de arte e imagem, e as ferramentas do computador estão a nossa disposição, oferecendo-nos novas experiências estéticas. A gravura digital, assim como toda gravura, independentemente da técnica utilizada, é uma obra que tem tiragem limitada e padronizada, sendo numerada e assinada pelo artista, diferenciando-se assim, a obra de arte, de uma mera reprodução comercial.

Técnicas possíveis em sala de aula

A monotipia, o carimbo, a colagrafe, o molde vazado, enfim, são possibilidades aplicáveis em sala de aula. O Carimbo é uma técnica antiga, utilizada pelos nossos ancestrais e podem ser confeccionados a partir de materiais naturais (legumes, frutas...) ou de materiais alternativos, como EVA, papelão, borracha escolar, tacos de madeira, ao qual se talha a superfície do material até obter uma imagem. É excelente porque se trabalha os conceitos já estudados de gravura tanto das técnicas subtrativas, assim como as aditivas além de “experienciar” a impressão colorida.

Matrizes em isopor são excelentes materiais para se iniciar as artes gráficas nos conceitos básicos da xilogravura e da linóleogravura. É importante instigar seus alunos à pesquisa de outros suportes, ferramentas, materiais e modos de instalar a gravura e a estampa. Além disso, é fundamental que a técnica não seja passada como uma simples receita: é preciso incentivar a transformação do olhar poético e estético.

Outra técnica interessante é a ponta seca, sobre placas de plástico. É possível trabalhar ponta-seca sobre placas de plástico: poliestireno, acrílico, acetato, até mesmo sobre radiografias. Basta que se tenha à disposição pontas duras de metal e a prensa que pode ser substituída por um cilindro de abrir massa. O processo de trabalho é o mesmo da ponta-seca sobre metal: grava-se a imagem, entinta-se a placa utilizando tinta gráfica ou tinta a óleo, se limpa a matriz e imprime-se a imagem utilizando a pequena prensa e papel umedecido.

Esperamos que este texto contribua para as pesquisas que acreditamos irá continuar dentro de cada realidade, de cada localidade, contribuindo no engrandecimento nas novas pesquisas, e na ampliação para as imagens, além de permitir um olhar reflexivo e mais demorado para as visualidades do mundo. O universo gráfico é vasto e muito importante para a história da humanidade. Que se frutifiquem novos conhecimentos a partir dos que aqui foram apresentados, e que se amplie a produção de gravuras e estampas na sala de aula.

Técnica de gravura relativamente nova, que parte de originais obtidos através da digitalização de desenhos, pinturas, detalhes de pinturas, fotografias, fotos de instalações montadas pelo artista, fotos de detalhes de objetos, fotos digitais ou composições de fotos.

Webgrafia de pesquisa:

<http://www.gravurarte.hpg.com.br/historico.htm>

<http://www.miriamtolpolar.com/lito.htm>

http://www.glatt.com.br/tec_lito.asp

<http://marudemarbella-tallergrabado.blogspot.com/2009/04/tecnicas-aditivas-y-colografia-ricardo.html>

http://www.muvi.advant.com.br/artistas/r/ricardo_carneiro/papelogravura.htm

http://www.revisaodagravura.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=77&Itemid=2

<http://www.scribd.com/doc/6604965/apost-GRAVURA>

<http://www.anpap.org.br/2008/artigos/165.pdf>

<http://www.constanca.lucas.nom.br/desenhosdigitais.htm>

<http://www.gravuradigital.com/>

<http://www.scribd.com/doc/6685890/GRAVURA-caderno1>

<http://www.scribd.com/doc/6685896/GRAVURA-caderno3>



Professores da Rede Estadual de Educação: SRE - Catalão

SEQUÊNCIA DIDÁTICA – 7º ANO

MEUS AVÓS

ARTES VISUAIS

“Foram momentos muito ricos e de muita aprendizagem, principalmente quando pudemos falar de nossas experiências e assim crescermos juntos. Momentos de compartilhar, experimentar e aprimorar conhecimentos.”

Professor não identificado
Caldas Novas/GO

“Achei excelente a construção desta Sequência, pois nos dá a possibilidade de trabalhar de forma mais ampla e contextualizada um determinado tema.”

Professora Alessandra Fernandes de Carvalho
Goiânia/GO

Apresentação

Professor,

Esta Sequência Didática foi elaborada na intenção de promover um espaço reflexivo sobre formas de representação imagética e construção de identidades, a partir de um retrato de família, enfocando os trajetos percorridos por nós, registrados em nossos biótipos e, na maioria das vezes, desconhecidos, não controlados, mesmo sendo informações e ações da nossa própria representação.

Sabemos que a representação imagética é utilizada como fonte para a construção do conhecimento e que transmite conceitos, modos de ver e entender a vida e que também estabelece padrões de uma memória social, enfim, nos permite entender os significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo e construir identidades.

Parafraseando Tomaz Tadeu (2005), a identidade e a diferença são criações sociais e culturais. A identidade é marcada pela diferença que se revela também nas características físicas que definem os biótipos humanos, nas formas, na cor da pele, na linha que determina o formato dos olhos, na espessura dos lábios e na textura do cabelo, ou seja, aspectos que modelam e distinguem o indivíduo dentro de uma mosaico que oculta ou desvenda uma herança multiétnica.

Nesta perspectiva procuramos discutir e ampliar a nossa capacidade de perceber as singularidades contidas nos biótipos humanos, quanto às características físicas individuais, que em alguns aspectos são mais valorizados do que outros. É nos processos de escolha, manutenção, silenciamento, descrédito e esquecimentos de padrões sociais e simbólicos que se forma a rede de significados responsável por condicionar o nosso olhar sobre o outro. Somos influenciados continuamente por valores estéticos dominantes (europeu ou norte americano, branco, masculino) e nesse condicionamento torna-se inquietante reconhecer que pertencemos a mais de um grupo cultural, sendo a nossa identidade resultado dos caminhos trilhados por nossos ancestrais.

Essas evidências existem para dissolver certezas positivistas e potencializar dúvidas: afinal quem eu sou? Quem é o outro? Como o “eu” e o “nós” se definem em meio aos trajetos percorridos? Esses trajetos modificaram a minha aparência e definiram meu lugar no mundo? O meu corpo faz parte dos registros que reconfiguram a minha identidade? Que valores foram construídos durante os deslocamentos entre diferentes lugares por onde transitei? Percebo, na história de meus antepassados, estratégias que instituíram códigos de pertencimento ao meu grupo familiar? Quais estratégias foram essas? A cor da pele? O formato do nariz? Uma marca de nascença em particular?

Através dessas questões, buscamos respostas na arte que, segundo Arthur Efland, tem o objetivo de contribuir para a compreensão da paisagem social e



cultural da qual faz parte todo indivíduo, estabelecendo conexões entre a diversidade de conhecimentos que permeiam a vida pessoal e social de cada um. De acordo com Efland, “a produção e compreensão de imagens são frutos do momento em que vivemos”. (Efland, apud, Hernandez, 2004, p.41) Registrar momentos com a finalidade de preservar, compreender, decifrar, solucionar ou renovar aspectos de uma realidade sempre foi uma necessidade do ser humano. A fotografia, por ser um tipo de imagem específica muito próxima de todos onde se registra modelos de vivência, por onde podemos compreender trajetos históricos, sociais, identitários, se torna um suporte utilizado para compreender as narrativas presentes nos contextos sociais, sendo que a sua escolha como conteúdo a ser trabalhado em arte foi reivindicada pelos professores em uma pesquisa feita pela Secretaria de Educação na rede estadual em 2006.

A fotografia é artefato cultural, onde os temas são criados, recriados ou apenas retratados. O conhecimento do assunto fotografado influencia na qualidade do registro, já que a consciência nesse caso funciona como máquina principal. A fotografia exige do fotógrafo mais do que conhecimento da mecânica da sua máquina, é o seu olhar que determina criatividade e sensibilidade para expressar o mundo de maneira única, de seu ponto de vista exclusivo. Segundo o curador Paulo Sérgio Duarte:

Não existe fórmula de educação do olhar. O importante é exercitar a suspensão dos preconceitos, saber que não tenho os hábitos de ler, ouvir e ver certas coisas. São os hábitos que me possuem. Se percebo essa submissão e procuro evitar as certezas que tenho, que não são minhas, mas que pertencem aos meus hábitos, posso abrir novos horizontes à percepção”.¹ (WWW.itaucultural.com.br, Revista Itaú Cultura, Janeiro 2009 acesso em 02 de fev. 2009)

Esperamos ter um percurso significativo durante o desenvolvimento desta Sequência, que foi organizada e planejada como um roteiro de trabalho construído de forma a permitir vivências e resgatar memórias, tendo a fotografia como suporte. Assim, a sua estrutura não está acabada, você deve interagir com sua experiência e ajustá-la ao seu contexto e se possível ampliá-la.

Ensinar arte por meio da compreensão crítica, contextualização e fazer artístico são reconstruções de olhares sob diferentes vertentes, para as imagens presentes em todos os nossos trajetos, inclusive os percorridos por nossos sonhos e imaginação.

MEUS AVÓS

Noeli Batista dos Santos¹
Santiago Lemos²
Haydée Barbosa Sampaio de Araújo³

Ano: 7º

Modalidade: Fotografia

Eixo temático: Trajetos

Nº de aulas: 15

Conceitos: abstrato e figurativo, bi e tridimensional.

Recursos Materiais: imagens

Expectativas de Aprendizagem

- Perceber o retrato como revelação do indivíduo e do meio social, compreendendo a conexão entre ambos.
- Discutir a relação entre a fotografia e o tema abordado.
- Investigar as possibilidades de releitura, apropriação e citação na fotografia.
- Elaborar trabalhos práticos, enfocando os conceitos abstrato/figurativo, bi/tridimensional, desenvolvidos em propostas individuais e construções coletivas.
- Compreender a diversidade a partir da visualidade dos biótipos humanos.

Dicas introdutórias

- Os registros permitem ao professor rememorar o processo vivido, propiciando uma visão geral do trabalho desenvolvido, facilitando a identificação dos entraves. Torna-se um instrumento indispensável para situar a aprendizagem dos estudantes e, a partir daí, organizar a sequência do ensino para toda a classe.
- Oriente os estudantes para que guardem todos os trabalhos até completar o ano, mesmo os rascunhos, pois podem ser utilizados para serem comparados com os mais recentes.

1 Mestre em Cultura Visual, Professora do Centro de Estudos e Pesquisa Ciranda da Arte / SEDUC-GO

2 Licenciado em Artes Visuais, Professor do Centro de Estudos e Pesquisa Ciranda da Arte / SEDUC-GO

3 Especialista em Metodologia da Arte de Contar História Aplicada à Educação, Professora do Centro de Estudos e Pesquisa Ciranda da Arte / SEDUC-GO.

- Providencie o material antes da prática, para poder realizá-la com tranquilidade.
- É essencial que você, professor, tenha sempre uma pesquisa bem fundamentada de modo a suprir os imprevistos.
- Crie um portfólio para coletar referências de textos, imagens que descobrir, anotar idéias de outras propostas pedagógicas que possam incrementar esta Sequência, lembrando-se sempre de datá-las
- A ideia é que você, professor, sempre reflita sobre o seu processo, assim sendo, fotografar, filmar e registrar são ações que o auxiliarão em suas análises.
- Antes de apresentar determinada imagem à turma, observe-a, atentamente, perguntando a si mesmo quais as possibilidades de ensino que oferece.

Avaliação

Os instrumentos para avaliação incluem o portfólio, onde as anotações e anexos dos estudantes serão armazenados com toda a produção e material que sejam considerados importantes, podendo ser denominado também como protocolo de atividades, que podem conter rascunhos, anotações de ideias relacionadas aos conteúdos trabalhados, imagens, exposição dos trabalhos, questionários e reflexões escritas, análises de imagens, resenhas e comentários entre professor e estudante como evidência do trabalho em desenvolvimento. Com ele o professor tem acesso fácil às produções e um registro constante do processo de aprendizagem.

Uma aula deve construir trajetórias por entre imagens, conceitos e elaboração concreta de conhecimentos. Desse modo, as anotações são dinâmicas, assim como as de um viajante que toma nota de tudo o que vê, ouve e faz, seja por meio de escrita, colagem, desenho ou esboço, registro fotográfico, áudio e vídeo.

É fundamental transformar a prática avaliativa em prática de aprendizagem. Alguns critérios utilizados para avaliar são: habilidade para desenvolver e interpretar um tema; sensibilidade expressiva no uso de várias técnicas e processos, domínio de um vocabulário técnico e conceitual dos elementos visuais.

Aula 1

Professor(a), antes de dar início ao planejamento de aplicação dessa Sequência é importante que você faça uma pesquisa ou construa um acervo imagético, tais como fotos de família, fotos 3x4, fotos de situações diversas que guardamos como parte de nossa vida mais íntima; fotos referentes a imagens do contexto da história da arte; fotos de caráter publicitário, ou seja, imagens do que consideramos a cultura visual, como revistas, sites da *internet*, panfletos comerciais

distribuídos em ruas, bares, esquinas e que contenham a figura humana, foto artística, documental e imagens que compõem a estética do cotidiano.

De posse desse material, utilize-o como suporte didático nessa primeira aula para pontuar seu diálogo com os estudantes.

Considerando que a dinâmica de exposição desse material fica a seu critério (afixação no quadro, cartazes, data show, distribuição de panfletos, retro-projetor e outros) estabeleça um diálogo com os estudantes levantando seus conhecimentos prévios a respeito do que seja retrato. (Consulte o texto “leitura complementar”, fotografia do anexo 1).



Fotografia de klaus Mitteldorf; THE LAST CRY KLAUS MITTELDORF 1991- " do livro "O Último Grito" de 1998, da Terra Virgem Editora /SP.



Johannes Vermeer (1632-1675) - The Girl With The Pearl Earring (1665).jpg.

Exemplos de questões que podem ser pontuadas para iniciar o diálogo:

1. Analise as imagens e reflita com os estudantes sobre cada uma delas.
2. Quais as diferenças e semelhanças que podemos encontrar nessas imagens?
3. Qual a relação da foto “Meus avós” com as outras imagens representadas?
4. O que essas imagens nos dizem sobre a vida das pessoas representadas (do homem como ser moral, cultural e social)?
5. O que são retratos?
6. O que é autorretrato?
7. Por que as pessoas fazem retratos?
8. De que modo o retrato influencia nossa vida?
9. Que tipo de técnicas podem ser empregadas em sua confecção?
10. Que tipo de suporte pode ser utilizado?
11. O que define uma fotografia como sendo artística, documental, foto-jornalística?

Solicite aos estudantes o registro do que sabem sobre fotografia no portfólio, em especial o retrato. Peça que escolham um retrato seu com sua família e cole no portfólio, fazendo uma legenda para identificar quem são os retratados, incluindo local e data da fotografia e as lembranças que você tem desse momento.

Consulte o Arquivo “Banco de imagens” aula 1, para selecionar outras opções de imagem

Aula 2



Meus Avós, Artista anônimo. Coleção particular.

Nesta aula use as imagens do seu acervo imagético e a imagem “Meus avós” para ilustrar os conceitos estéticos que regem biótipos humanos que compõem a diversidade social, percebida na cor da pele, na linha que define formato dos olhos, na espessura dos lábios, na textura dos cabelos, sendo que esse mosaico de características físicas modela as representações individuais, oculta e revela uma herança multiétnica.

Nessa aula, professor, explore as percepções pessoais de seus estudantes, a partir de situações vivenciadas ou testemunhadas de inclusão/exclusão, associando imagens ao assunto ou, ainda, identificando grupos considerados pelo senso comum como minorias.

Ative a compreensão crítica, estimulando os estudantes a se posicionarem diante das imagens apresentadas. É importante lembrar que todos têm uma forma de olhar que se justifica por seus contextos e histórias de vida, sendo assim não existe acerto ou erro.

Comente sobre as características físicas dentro de uma mesma família, lembrando da diversidade de combinações. Ex.: pai e filho, avô e neto, pares homossexuais, branco e negro, alto e baixo, dentre outros.

Utilize as questões abaixo para auxiliar o debate na sala de aula:

- Qual a finalidade dessas fotos?
- Pontue as semelhanças e diferenças entre sua fotografia anexada no diário de bordo e a imagem “Meus avós”, considerando a época de sua produção.
- Observe a fotografia de sua família e identifique características físicas que gostaria de preservar ou modificar, e por quê.
- Você se identifica com as características físicas de sua família? Em que sentido?

Para casa

Proponha aos estudantes construir um álbum:

- Organize uma árvore genealógica com o nome de seus familiares, a partir de dois ramos, pai e mãe.
- O que se pode descobrir sobre sua própria origem?
- Entreviste seus ascendentes, comece com o nome dos avós, bisavós e assim por diante.
- Acrescente outras informações importantes; como nacionalidade ou na-

turalidade, ocupação, religião, fatos curiosos e marcantes. Se houver uma relação em sua família com a arte, dê um destaque a esse fato.

- Reúna todo o material escrito e iconográfico relacionado à sua família: fotos, cartões, desenhos etc.
- Prepare as páginas de seu álbum, depois recheie as páginas seguintes com fatos que marcaram a história da família. Por último, coloque páginas que falam de sua própria vida.
- Prepare a capa de papelão; recorte de uma caixa dois pedaços de papelão que tenham a dimensão das páginas de seu álbum. Prepare a superfície com tinta látex ou encapando, depois faça uma colagem com elementos de sua pesquisa pessoal: cartões, fotos, lembrancinhas etc.

7. Junte as páginas, a capa e a contra-capas e faça dois furos, como um fichário, passando uma corda para segura-las.

Esse trabalho deve ser apresentado com as demais atividades na conclusão do semestre.

Aula 3

Brinque: nessa aula, peça que os estudantes observem a imagem “Meus Avós”. Estimule-os por meio de perguntas:

- Que histórias acompanham essas imagens?
- Como as pessoas retratadas se sentem? Estão felizes, tristes, preocupadas, bravas, aborrecidas?
- Faça uma comparação entre a imagem “Meus avós” e a fotografia da sua família, buscando semelhanças.
- Como estão posicionadas as figuras humanas? Com estão vestidas? Pode-se perceber a classe social a que pertencem? A partir de quais elementos?
- Quais são seus sentimentos e suas ideias em relação a essa imagem? Ela traz alguma lembrança ou experiência particular? Qual? Por quê?
- É possível associá-la a outras imagens, outros fatos, letras de música, memória familiar? Por quê?
- A fotografia “Meus avós” representa a realidade? Em que sentido?

Em seguida, solicite aos estudantes que construam um diálogo entre as pessoas, quando elas se viram pela primeira vez retratadas na foto (texto de 10 linhas), utilizando as questões levantadas no início da aula. Peça para alguns estudantes lerem seus textos.

“Segundo minha mãe, meu avô era negro. A família da minha avó foi contra o casamento, mas apesar das contrariedades a união aconteceu. A fotografia do casamento se perdeu no tempo, mas a imagem que ficou registrada para a memória é uma recriação, uma pintura. Não tenho mais a fotografia, o registro da cena. Ao olhar a pintura, busco na imagem do meu avô a cor de sua pele. Mas ao que parece, o artista contratado para reconstruir a cena, por algum motivo, quis abstrair sua cor negra, a mesma pela qual minha avó se apaixonou. Por algum motivo, quem encomendou a imagem concordou com esta abstração”.

Noeli Batista.

Neta do casal retratado

Problematize! Você pode criar outros critérios, buscando ampliar as discussões.

Instrumentos de verificação da aprendizagem	Critérios
<ul style="list-style-type: none">• Texto do diálogo entre o casal.	<ul style="list-style-type: none">• Coerência com o tema.• Identificar se a imagem foi manipulada.• Discutir o “embranquecimento” da imagem do avô, se ela seria uma manipulação, e por quê.• Opinar por que o pintor embranqueceu a imagem do avô.
<ul style="list-style-type: none">• Participação na sala de aula.	<ul style="list-style-type: none">• Diálogos professor/estudantes sobre os temas abordados.• Atenção ao que está sendo exposto.• Relatos verbais.

Professor, essa aula proporcionará subsídios para os seus estudantes incrementarem seus portfólios.

Para casa

Peça para que os estudantes escrevam um depoimento incluindo o trajeto percorrido por seus avós, seus pais e seu próprio trajeto até chegar ao momento em que está inserido na escola. A fotografia, o desenho e a colagem podem ser utilizadas no registro desse depoimento.

Aula 4

A identidade e as diferenças estão estreitamente ligadas. É na sociedade que se traduzem as classificações de branco/preto, alto/baixo homem/mulher, homo/hetero. Nessas oposições sempre um é mais valorizado do que o outro, há sempre um com mais privilégios do que o outro. Essas oposições binárias são estabelecidas culturalmente, assim, a percepção de si mesmo é fundamental, pois ao valorizar um determinado biótipo em detrimento do outro se estabelece a manutenção e controle sobre modelos identitários, que ocultam a diversidade, a herança multi-étnica da maioria ou da totalidade dos brasileiros, que podem ser tão euro quanto afro descendentes, como define HALL (2005), “raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica”.

Com a intenção de visualizar essa possibilidade de hibridização e sobre esse colorido multi-étnico que compõe nossa sociedade, converse sobre essas questões e proponha a organização de cartelas de pele/olhos/ narizes/orelhas/bocas, observadas dos biótipos da turma.

Inicie pedindo a cada estudante que desenhe em folha A4 quadrados tamanho 5 x 6 cm e pinte com lápis de cor, a cor que mais se aproxime de sua pele. Em seguida, peça que desenhem em folhas separadas cada parte dos diferentes rostos dos colegas:

- formato e cor do rosto;
- formato e cor dos olhos;
- narizes de frente ou de perfil;
- orelhas;
- formato de boca, cor, textura.

Depois proponha que façam um rosto com os desenhos das partes retiradas dos colegas. No final da aula, recolha os desenhos.

Para a próxima aula, peça para trazerem cartolina, tesoura, cola e lápis de cor.

Para casa

Pedir ao alunos que recortem e pintem dois papéis cartazes no tamanho 5x6cm, um com a tonalidade da pele do pai e o outro com a tonalidade da pele da mãe e façam um pesquisa imagética que tenha, como tema, características étnicas em grupos familiares.

Instrumentos de verificação da aprendizagem	Critérios
<ul style="list-style-type: none"> desenhos. 	<p>Enquadramento no papel - O tamanho do desenho em relação ao papel deve ser apropriado. Escolha o formato “paisagem ou retrato” que melhor se ajuste ao modelo a ser desenhado (<u>vertical ou horizontal?</u>) A <u>centralização do desenho</u> no papel também é muito importante.</p> <p>Proporção - Aspecto essencial no desenho, <u>saber observar as proporções</u> daquilo que se desenha.</p> <p>Caráter de Croquis -O resultado final do seu desenho deve ter caráter de croquis. Ou seja, <u>rabiscado, nervoso e solto</u>. Nada de passar a limpo e evite o uso da borracha ao máximo. Desenho artístico deve ter linhas auxiliares, erros, borrões, manchas, que o tornam naturais. Um equívoco comum entre os alunos é querer entregar um desenho sem o caráter de croquis.</p>
<p>Pesquisa imagética.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Diversidade. Organização. coerência com o tema proposto. forma de apresentação.

Aula 5

Monte um painel de papel ou qualquer outro suporte no qual possam se fixar retratos

Nesta aula, divida seus estudantes em seis grupos. Cada grupo irá montar uma cartela agrupando os desenhos por proximidade de cor, por detalhes de rostos, por exemplo: nos tons de pele, do mais escuro ao mais claro, agrupados pela proximidade da forma:

1. com todos os tons de pele;
2. formatos de rosto;
3. formato e cor dos olhos;
4. narizes de frente e perfil;
5. orelhas/tipos e cor de cabelo;

6. boca: formato, cor, textura ;

Após a montagem das cartelas, peça para que desenhem um auto-retrato a partir das mesmas, utilizando da diversidade das cores e formas apresentadas.

Instrumentos de verificação da aprendizagem	Critérios
*Montagem das cartelas.	<ul style="list-style-type: none">• Apresentação.• Organização.• limpeza.• Expressividade.• Aproximação com assunto proposto.• Participação efetiva no trabalho em grupo.

Para Casa:

Solicite que os estudantes façam uma pesquisa imagética cujo tema seja as características étnicas em diferentes grupos familiares.

Aula 6

Professor, chegou o momento de analisar e perceber os detalhes que a fotografia registra. Introduza os conceitos de citação, apropriação e manipulação - ver glossário. Esta é uma aula expositiva.

Recolha e exponha as fotos trazidas pelos estudantes e rerepresente as imagens já trabalhadas, estimulando-os a desenvolver diálogos sobre questões do olhar e elementos da linguagem fotográfica, fazendo uma introdução sobre os conceitos fotográficos de ângulo, enquadramento, composição e definição de imagem.

Maria Emilia Sardelich, em artigo para um caderno de pesquisa, traz considerações de como podemos perceber e analisar imagens a partir de alguns tópicos. Sua abordagem traz inspirações, também, nas teorias de Robert William Ott, que aqui ressaltamos. As perguntas têm por objetivo estimular os estudantes a prestarem atenção à linguagem visual com seus elementos, como textura, dimensões, materiais, suporte técnico (SARDELICH, apud, OTT, 1997, p 455).

- Houve manipulação nessas imagens?
- Que tipo de manipulação seria essa?

- Quais tipos de manipulação de imagem são utilizados no computador?
- Como seus alunos manipulam (alteram) as imagens no computador?
- Quais as linhas que definem essa imagem?
- O que é manipulação?
- O que é enquadramento?
- O enquadramento distingue valores representados na imagem?
- As imagens sugerem textura? Quais as cores principais? Que cores predominam, quentes ou frias? São cores mistas ou puras?
- Como são tratados a figura e o fundo na imagem?
- Que tipos de manipulação são usadas por eles? Apresente imagens.
- Em que categoria ela se enquadra: retrato ou representação de identidade? Explique.
- Em sua opinião, essa imagem pode ser considerada uma obra de arte (ver glossário)?

Para casa

Solicite uma pesquisa sobre os conceitos de citação, apropriação

Interferência e manipulação de imagens e ilustre cada um desses conceitos usando xerox tamanho A4 de fotografia para aplicar os conceitos pesquisados. Emoldure em *paspateur* e coloque o nome do conceito na legenda do trabalho (ver anexo)

Instrumentos de verificação da aprendizagem	Critérios
Pesquisa.	Referencias bibliográficas.
<i>Paspateur</i> .	<ul style="list-style-type: none"> • Acabamento. • Organização. • Limpeza. • Dimensão. • Enquadramento. • Aplicação dos conceitos estudados.

Para a próxima aula:

Peça para cada estudante 01 cópia ampliada em A4 de uma fotografia dos seus avós, em preto e branco, lápis, canetinhas, tinta guache, papel A3 (dobro do tamanho de uma folha de papel ofício), cola, revistas.

Aula 7

Essa aula visa desenvolver, na prática, o conceito de interferência artística (ver glossário).

Estimule os estudantes, faça com que se sintam artistas! Ser artista exige um longo caminho, mas, é preciso começar, lembrando que em arte não existem erros, existe experimentação. Podemos tomar partido dos erros. É preciso experimentar!

Oriente-os para que trabalhem com diferentes cores, texturas, diferentes materiais e técnicas, por exemplo, tinta ou giz de cera ou outros materiais e técnicas que possibilitem a interferência.

Recomendamos que você, professor, teste alguns materiais antes de realizar a proposta.

Distribua os materiais e peça aos estudantes que interfiram na imagem, explorando os materiais e técnicas disponíveis conforme sua imaginação ou intenção.

Para casa

Em grupos ou individualmente peça para os estudantes fotografarem seus avós (consanguíneos ou de afeto, caso não tenha, podem ser outros parentes). Caso os estudantes não disponham de câmeras fotográficas, faça o exercício a partir de fotos pessoais pré-existentes. Dê uma olhada no anexo “Curso de fotografia”. Devem trazer as fotos reveladas e montadas em *paspatour* (ver anexo *paspatour*).

Instrumentos de verificação da aprendizagem	Critérios
Produção artística.	<ul style="list-style-type: none">• Capacidade de interferir na imagem.• Representação dos conceitos estudados .• Expressividade.• Coerência com o tema proposto.• Apresentação.• Arte final (limpeza, organização).• Forma de utilização dos materiais.

Para próxima aula

Professor: faça uma cópia para cada estudante da ficha de análise da imagem e entregue para ser preenchida (ver anexo).

Aula 8

Nesta aula, reflita sobre a produção artística, orientando a análise das fotografias dos colegas. Organize os estudantes em grupos de cinco participantes. Peça para trazerem as fotografias (tarefa de casa), de modo que cada estudante fique com o trabalho do colega. Entregue a ficha para que realizem uma análise da imagem. Recolha as fichas junto com as imagens, para realizar a verificação da atividade.

Na aula seguinte devolva aos estudantes as fichas corrigidas e as imagens para anexá-las ao portfólio.

Instrumentos de verificação da aprendizagem	Critérios
Ficha de análise.	<ul style="list-style-type: none">• Percepção sobre a imagem.• Argumentação.• Reflexões.
Desenvolvimento do <i>Paspateur</i> .	<ul style="list-style-type: none">• Acabamento.• Organização.• Limpeza.• Dimensão.• Enquadramento.

Aula 9

Nesta aula, procure dar visibilidade ao eixo temático **Trajetos**. Explore os caminhos percorridos no trabalho do fotógrafo Klaus Mitteldorf e a trajetória das imagens capturadas por ele, observando as questões étnicas e a construção de padrões estéticos.



Fotografia de klaus Mitteldorf: SONO 2004 KLAUS MITTELDORF.jpg.

Disponha as imagens no quadro de forma que elas estejam visíveis. Apresente-as aos seus estudantes, orientando a observação. As questões abaixo servem como referência para outras indagações, mas não se prenda a elas, você pode elaborar outras ou modificá-las de acordo com a interação de seus estudantes. A experiência com a compreensão de imagens é ampla e aberta, havendo diferentes interpretações e significados. Explore-as!

Saiba mais sobre Klaus Mitteldorf olhe “anexo aula 9”.

- Quais trajetórias as imagens “Meus avós” percorreram para você chegar até aqui?
- Quais as relações existentes entre a imagem “Meus avós” e a fotografia da sua família?
- Que tipo de imagens são estas? Documentais ou artísticas? Por quê?
- Quais imagens sofreram interferência?
- Que significados elas trazem para você?
- Aponte se houve apropriação, citação ou manipulação nas imagens observadas.
- É possível distorcer a realidade a partir da fotografia? E da própria imagem? De que maneiras?

- O que faz uma imagem mais realista do que outra?
- Essas imagens revelam ou escondem valores que o fotógrafo ou o fotografado acreditam ser importantes?
- Existe algum elemento identitário comum a todas essas imagens? Qual?
- O retrato mostra o perfil da pessoa? Explique.
- O que pode dizer a expressão facial a respeito do estado emocional de uma pessoa? O corpo fala?

Instrumentos de verificação da aprendizagem	Critérios
Participação em sala de aula	<ul style="list-style-type: none"> • Diálogos entre professores e estudantes com evidencia no trabalho em desenvolvimento • Perfil do comportamento dos estudantes • Relatos verbais.

Aula 10



Fotografia de Klaus Mitterdorf "Metro Paris" de 20/11/2007 foi feita com um celular de 3,2 Megas, e foi publicada na capa do jornal O Estado de São Paulo em uma matéria exclusiva que o fotógrafo fez sobre uma greve em Paris.

Esta aula é de compreensão de imagens, sendo assim, professor, organize e selecione as imagens de obras de fotógrafos que trabalharam com retrato e trajeto na fotografia de klaus Mitteldorf , Cartie Breson, Pierre Verge, Pedro Martinelli, Rosa Berardo, Wagner de Araújo (pesquise na web).

Disponha sala e organize a partir dos planos fotográficos que apresentam elementos comuns e diferentes entre as imagens.

Solicite que apresentem e contextualizem as fotos, por exemplo: em que época e local foram feitas? O enquadramento deu ênfase a algo em particular? Que momento foi esse? Que tipo de foto é? Artística, documental, fotojornalística? Em seguida, inicie a interpretação e análise comparativa entre as fotos dos estudantes e as imagens apresentadas anteriormente.

Retrabalhe os conceitos de bi e tridimensional, abstrato e figurativo, linear e pictórico, presentes no texto “*Um currículo voltado para a diversidade cultural e formação de identidades*”, do livro *Currículo em debate – Reorientação curricular do 1º ao 9º ano* (ver pg 42 e 43).

Professor, ao interpretar uma imagem, passam a existir muitas possibilidades pedagógicas: esteja atento a todas elas. Lembre-se de que seus estudantes devem ter espaço para expressar suas próprias interpretações.

Instrumentos de verificação da aprendizagem	Critérios
Participação em sala de aula.	<ul style="list-style-type: none">• Relatos verbais;• Pertinência dos elementos usados;• na análise;• Integração com a atividade;• Capacidade de interpretar o contexto a partir da imagem.

Para a próxima aula:

Solicite que cada estudante traga a fotocópia de uma foto sua ou de sua família, tamanho A4, caneta hidrocor, lápis de cor, giz de cera, canetas esferográficas, pincel, tesoura, cola branca, pincéis, revistas, tinta guache, cartolina, revistas e propagandas jornais com figuras humanas.

Aula 11

Professor(a), esta aula é de produção artística a partir das fotocópias das fotos solicitadas.

Colando a fotocópia na cartolina, inicie a interferência. Convide os estudantes a imaginarem a continuidade do ambiente para além das bordas da fotografia. Peça para que acrescentem elementos de identificação cultural, elementos do seu cotidiano, desejos e gosto pessoal, incluindo também elementos da diversidade cultural.

É justamente aqui que devemos enfatizar as questões da representação das identidades, pois esse processo de ampliação da imagem para fora do campo escolhido pelo olhar do autor (as bordas da foto) prefigura tudo aquilo se escolhe não registrar. Pergunta-se então: por que mostrar isso e não aquilo? Quando nos interrogamos acerca dessas questões é que percebemos a dimensão e a intencionalidade do olhar artístico, sendo ele repleto de ideais, valores e ideologias.

Instrumentos de verificação da aprendizagem	Critérios
Interferência	<ul style="list-style-type: none">• Habilidade para realizar as técnicas (cores, formas, composição).• Habilidade para desenvolver um tema visualmente.• Capacidade de materialização do que foi imaginado, idealizado.

Para casa:

Montar o trabalho desta aula em *paspatour* adaptado nas dimensões do trabalho e trazer para a próxima aula.

Aula 12

As imagens podem ser examinadas como se fossem uma janela para conhecer novas realidades, criando condições para compreender melhor tanto nossas heranças e origem étnicas e culturais, quanto o outro.

Em grupos ou individualmente, peça para os estudantes fotografarem novamente seus avós (consanguíneos ou de afeto, caso não tenha, pode ser outro parente).

Caso os estudantes não dispuserem de câmeras fotográficas, faça o exercício a partir de fotos pessoais pré-existentis.

Devem trazer essas fotos reveladas e montadas em *paspateur*.

Monte em painel, com a turma, as fotos lado a lado. A seguir, apresente as reflexões entre os estudantes:

- As pessoas retratadas parecem ter alguma relação entre si? Quais?
- Identifique se as pessoas estão na mesma faixa etária, se estão tristes ou felizes, como você acha que as fotos foram realizadas, se as pessoas posaram para a cena.

Escolha vários retratos e selecione um estudante para contar o que parece ser a história do “personagem” da fotografia até chegar ao momento de ser fotografado. Após, redistribua os trabalhos realizados na aula anterior das fotos pessoais (aula 11), de modo que cada aluno descreva, analise e interprete o trabalho do colega e faça um inventário (texto que descreve, analisa e interpreta imagens).

A visão do outro é diferenciada da nossa, pois ela revela preferências e referências culturais. Cabe a você, professor(a), mostrar e valorizar a visão do diferente, do outro. Descrever uma imagem é aproveitar tudo que ela pode oferecer e que o seu olhar pode captar. Analisar é estudar a maneira com que a imagem foi executada, observando-se elementos da linguagem visual, como por exemplo: linhas, formas, cores, composição, técnica e materiais. Interpretar é dar a nossa visão pessoal diante do trabalho, que vai além do olhar, ou seja, abrange nossos sentimentos em torno dele, como respondemos sensorialmente (ver anexo: linguagem fotográfica).

Ao final, recolha os trabalhos para serem devolvidos na próxima aula.

Instrumentos de verificação da aprendizagem	Critérios
Inventário.	<ul style="list-style-type: none">• Capacidade interpretar, descrever, analisar o contexto a partir da imagem.• Coerência e coesão na escrita.• Habilidade para desenvolver e interpretar um tema.
Desenvolvimento do <i>Paspateur</i> .	<ul style="list-style-type: none">• Acabamento;• Organização;• Limpeza;• Dimensão;• Enquadramento.

Aula 13

Montagem da Mostra

O objetivo de uma exposição ou mostra é levar uma determinada mensagem a um determinado público, portanto, todas as etapas da realização e organização de uma mostra devem ser tratadas, desde a escolha do conteúdo, até os tipos de materiais que podem ser usados para destacar o acervo imagético produzido pelos estudantes: o nome da mostra, os recursos gráficos (sinalização, folder, catálogo, textos explicativos, livro de visitas, iluminação, suportes, espaço, as cores das paredes, o acesso dos visitantes). Todos esses detalhes são importantes.

É necessária organização. Utilize sempre uma linguagem didática acessível para que as informações do seu trabalho seja compreendidas por todos.

Organize os estudantes em círculos e disponha os trabalhos realizados por eles, para que possam fazer uma avaliação geral e apreciarem suas obras preferidas, selecionando as que vão ser expostas, separando-as através de temas.

Depois do material selecionado, negocie o nome da mostra com a turma. Escolham o local e a data da mesma.

Explique que cada trabalho necessita de uma ficha técnica para identificá-la (ver anexo). Solicite que cada estudante construa a sua.

Divida a sala em grupos e solicite que produzam o folder da mostra, para a próxima aula.

Instrumentos de verificação da aprendizagem	Critérios
Participação em sala de aula.	<ul style="list-style-type: none">• Integração com a atividade• Capacidade de interpretar o contexto a partir da imagem.
Folder (com o texto explicativo).	<ul style="list-style-type: none">• Acabamento;• Organização;• Limpeza;• Dimensão;• Diagramação.
Texto explicativo do folder.	<ul style="list-style-type: none">• Coerência com o tema apresentado.• Clareza de idéias relacionadas ao tema.

Professor(a), para a próxima aula providencie os materiais para montagem da mostra: prego, furadeira, parafusos, fita crepe, furador de papel, fio de nylon. Peça para que os estudantes tragam o *folder* e o apresentem na próxima aula.

Aula 14

Montagem da Exposição

Solicite que os grupos façam a apresentação e discussão dos quatro *folders* para a turma. Inicie a montagem do espaço da exposição. Limpe o ambiente, coloque as sinalizações e separe o ambiente de acordo com as temáticas dos trabalhos. Peça para cada estudante localizar o espaço da temática em que seu trabalho está inserido e instale a obra junto com a ficha de identificação produzida na aula 10. Lembre-os de que a forma de apresentação da mostra é parte de seu portfólio.

Instrumentos de verificação da aprendizagem	Critérios
Participação na montagem e organização da mostra	<ul style="list-style-type: none">• Integração com a atividade.• Clareza na identificação das temáticas a serem expostas.• Organização estética da montagem da mostra.

Para a próxima aula:

Peça aos estudantes que tragam seus portfólios, com todo o material produzido durante a Sequência.

Aula 15

Portfólio

Nesta última aula, professor(a), reúna a turma e discuta o resultado final do trabalho. Organize-a em círculo e reapresente toda a Sequência, pedindo que os estudantes preencham um questionário (ver anexo). Recolha os portfólios e faça uma avaliação geral. Aqui, professor, poderá ter uma visão de todo o processo percorrido por você e por seus estudantes.

Instrumentos de verificação da aprendizagem	Critérios
Portfólio.	<ul style="list-style-type: none"> • Realização de atividades. • Capacidade interpretar o contexto a partir da imagem. • Coerência com o tema proposto. • Acabamento. • Organização. • Limpeza. • Dimensão. • Enquadramento.

Referências

BARBOSA, Ana Mãe. *Organização Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais* São Paulo: Cortez, 2005.

_____. *Teoria e Prática na Educação Artística*. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002.

BOUGHTON, Doug. *Avaliação da teoria prática*. p. 381 in BARBOSA (Org.) *Arte/educação contemporânea: Consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.

BUORO, Anamelia Bueno. *O olhar em construção – uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola*. SP, Cortez, 1998.

_____. *Olhos que pintam – a leitura da imagem e o ensino da arte*. SP, Educ, Fapesp e Cortez, 2002.

CESAR, Newton e PIOVAN, Marco. *Making of: revelações sobre o dia a dia da fotografia*. São Paulo: Futura, 2003.

FRANZ, Teresinha Sueli. *Educação para uma compreensão crítica da arte*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira, Luiz Carlos de Freitas. *Indagações sobre currículo: currículo e avaliação*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Edu-



cação Básica, 2007.

HALL, Stuart. In: *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. POA, Artmed, 2000. HERNANDEZ, Fernando. *Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

GEERTZ, Clifford. In: *O saber local, novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução: Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes.

GOIÁS, Secretaria de Estado da Educação. Coordenação do Ensino Fundamental. *Reorientação Curricular do 6º ao 9º ano. Currículo em Debate, Caderno 3*. Goiânia: 2005.

GOIÁS, Secretaria de Estado da Educação. Coordenação do Ensino Fundamental. *Reorientação Curricular. Expectativas de Aprendizagens . Caderno 5*. Goiânia: 2008.

LARAIA, Roque de Barros. In: *Cultura, um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1999.

OSTER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1987.

SARDELICH, Maria Emilia. “Leitura de Imagens, Cultura Visual e Prática Educativa”. In: *Cadernos de Pesquisa*. V.36, n.128, mai/ago.2006.

[HTTP://www.uol.com.br/bienal/24bienal/edu/](http://www.uol.com.br/bienal/24bienal/edu/) > acesso em 07 jun. 2000.

[WWW.itaucultural.com.br](http://www.itaucultural.com.br), Revista Itaú Cultura, Janeiro 2009 acesso em 02 de fev. 2009).

Gazola, André . Como fazer uma resenha. <http://www.lendo.org/como-fazer-uma-resenha/> > acesso em 12 fev. 2009.

ANEXOS

Glossário:

Apropriação: consiste na utilização de imagens ou objetos, tirando-os de seu contexto e incorporando o sentido original do elemento deslocado para uma nova situação. A apropriação, enquanto procedimento artístico, propõe uma série de reflexões sobre a originalidade, a autenticidade, a autoria da obra de arte. Este termo também se refere ao ato de utilizar obras ou parte delas, em um diferente contexto com outros materiais, formando um novo trabalho. Os elementos apropriados podem incluir imagens, formas ou estilos da cultura popular da história da arte ou de materiais e técnicas em contextos não artísticos.

Caderno de anotações: caderno de dimensões e características variadas, utilizados por artista para registrar desenhos, textos, ideias, que num momento posterior podem vir a ser utilizadas como ponto de partida para uma criação mais elaborada.

Colagem: agrupamento de imagens ou superfícies bidimensionais aderidas a um plano, geralmente com utilização de uma substância adesiva.

Desenho: linguagem marcada pela deposição de matéria sobre a superfície, normalmente por meio de linhas. A origem da palavra remonta a ideia de intenção – desígnio.

Retrato: é uma pintura, fotografia ou outra representação artística de uma pessoa.

Auto-retrato: muitas vezes é definido em História da Arte, como um retrato (imagem, representação), que o artista faz de si mesmo.

Representação: referências de um elemento do mundo por meio das artes visuais, de modo a revelar a ideia que dele faz.

Releitura: reler, ler novamente, dar novo significado, reinterpretar, pensar mais uma vez. Existem várias formas de conduzir a Releitura: questão da representação; elementos formais; comparar artistas de épocas diferentes, da mesma época, semelhantes ou não.

Suporte: material utilizado como base para um trabalho artístico bidimensional.

Citação: quando não existe uma referência direta. Posso utilizar o modo de trabalhar, da cor mais comum do artista ou da obra que estou citando.

Interferência: se caracteriza pelo fato do artista interferir e não mudar a obra original completamente.

Manipulação de imagens: é a arte de manipular (alterar) imagens. Há diversas formas de alterá-las, desde suas cores, criando elementos novos, corpos,

luz, caras, roupa, adicionando novos conteúdos, que realcem determinados aspectos, tudo que se pode recorrer para manipulação de imagens, por exemplo, através de software como *Photoshop*, *Picassa*, *Paint*, www.fotoflexer.com., sem compromisso com o registro do real.

Fotografia de autor ou artística: concebida a partir do universo pessoal do autor, em geral mais subjetiva que discute as características da linguagem fotográfica, suas especificidades estéticas e artísticas.

Fotografia documental: fotografia comercial que se preocupa com a documentação de eventos pessoais e sociais.

Fotojornalismo: fotografia inserida no contexto jornalístico. Tem características descritivas, baseando-se na narrativa de fatos e acontecimentos, podendo servir de ilustração, complemento ao texto ou ainda base de uma matéria.

Fotografia documental: fotografia comercial que se preocupa com a documentação de eventos pessoais e sociais.

Professor(a), assista e comente, com seus estudantes como foi realizado o filme "Matrix" e que recursos da computação gráfica permitem que o ator Keanu Reeves contracenasse com personalidades e vivencias realidades virtuais.

Leitura complementar: Aula 2

Fotografia

O reflexo da luz, projetando a imagem de um objeto, no interior de uma câmara escura por meio de um orifício, foi o processo que simplificou o trabalho de copiar objetos denominado câmara escura.

No séc. V a.C, o chinês Mo Tzu, foi o visionário que conferiu pela primeira vez um processo ótico. Séculos mais tarde, em 1829, o físico francês Joseph Nicéphore Niepce, registrou a primeira imagem pela ação direta da luz, através do processo da câmara escura, que vem causando admiração e contrariedades, trazendo consigo a dúvida de ser ou não ser arte.

Muitos contribuíram para o nascimento e aperfeiçoamento da fotografia, como Daguerre que trouxe à luz uma imagem através de um processo químico denominado daguerreótipo, muito difundido na Europa e Estados Unidos. Esse sistema ainda não era perfeito, faltava a reprodutibilidade, que veio com Talbot, inventando o sistema de produção com um número indeterminado de cópias.

Em meio a experimentos, o físico francês Louis Ducos, encontra a foto colorida e os fotógrafos ambulantes tratam de divulgar essa nova arte. Após essas descobertas a fotografia começou a se popularizar e o filme passou a ser embalado em rolos.

Em 1888 a Kodak fundada por George Eastman, muda a história da fotografia lançando câmeras pequenas, leves e simples, embaladas com o slogan “*Você aperta o botão e nós fazemos o resto*”. Esses homens e seus feitos colaboraram, a partir da descoberta da fotografia, para que o mundo fosse observado por prismas inteiramente novos.

A fotografia e a pintura são duas linguagens distintas que andam juntas e se influenciam mutuamente desde sua criação, pois os primeiros fotógrafos eram pintores.

A influência da fotografia foi marcante nos movimentos artísticos de vanguarda do séc. XX. Mesmo assim a fotografia ainda é entendida, por alguns como apenas uma arte reprodutiva, uma arte fácil, como anuncia o slogan da kodak¹.

Pertencendo a uma forma de reprodução em serie, já foi criticada, porque a criatividade parecia não ter espaço, mesmo sabendo que nenhum outro meio de expressão consegue reunir em uma imagem tanta perfeição. É verdade que existem momentos nos quais a fotografia deixa de ser arte, para isso, basta apenas considerar o aspecto técnico e desconsiderar a poética, assim como em qualquer outro meio de expressão.

Essa forma de expressão está em evolução, sua gênese se deu no modo analógico, atualmente, no século XXI vê-se também o modelo digital. A novidade é constante em termos de tecnologia, mas não é o equipamento que importa. O que importa é o recorte feito pelo olhar do fotógrafo.

Se está criando, recriando ou apenas retratando um tema, o que vale realmente é o quanto você sabe sobre o que se esta fotografando, sendo assim, melhor será o seu registro, a consciência é a maquina principal.

A maquina fotográfica é apenas um instrumento, da mesma forma que um lápis ou um pincel é para um artista. Basta acreditar nas possibilidades, didáticas e criativas desta forma de expressão.

A fotografia exige do fotógrafo mais do que técnica e conhecimento, exige criatividade e sensibilidade de ver e expressar o mundo. Esse olhar é ímpar, de um ponto de vista exclusivo e isso independe da quantidade de cópias produzidas. Seu olhar será único, a foto será única, pois está equalizado com a sua visão de mundo, definindo sentimentos e revelando referencias culturais.

Escola _____

Professor: _____

Estudante: _____

Data: _____

Disciplina: Arte.

Atividade: Análise de imagens.

1. Descreva a imagem a partir do seu olhar:
 - A) Reconhece os materiais utilizados nessa produção?
 - B) Como o artista (colega) distribuiu os elementos que compõem esse trabalho?
 - C) Qual a relação entre cada “objeto” e a área em sua volta?
 - D) Qual conceito predomina na imagem: o abstrato ou figurativo?
 - E) Você identifica nas imagens indícios que demonstram a realidade vivenciada? Quais?
 - F) Esse trabalho traz algo de novo, de desconhecido? O quê?
 - G) Quais relações estabeleço com essa imagem, a partir das minhas vivências?

Paspatur: nome dado à moldura que sustenta/ protege a imagem.



Elementos da linguagem fotográfica:

1ºPlano: é o enquadramento promovido pelo distanciamento da câmera em relação ao objeto. São variados e definidos muito mais pelo equilíbrio dos elementos do quadro do que por medidas formais.

1. **Foco:** refere-se à nitidez que pode ser diferencial, desfoque e profundidade de campo.
2. **Movimento:** efeitos técnicos e a posição e disposição dos objetos fotografados.
3. **Forma:** organização dos objetos no espaço.
4. **Ângulo:** resultado da posição da máquina.
5. **Cor:** o cinza e as demais cores.
6. **Textura:** Impressão visual que sugere a ideia de substancia, densidade e tato.
7. **Iluminação:** sombras e luzes.
8. **Deformação:** efeitos provocados por reações ópticas ou químicas.
9. **Perspectiva:** Ilusão tridimensional provocadas pela organização das linhas numa superfície bidimensional.
10. **Composição:** disposição visual dos elementos.
11. **Equilíbrio:** interação balanceada dos componentes visuais.

Planos para fotografia:

Panorâmico:

Enquadra toda a cena e exhibe onde se dá a ação.



Fotografia lud.Haydèe sampai02009.

Plano geral:

Mostra os personagens e o local da situação.



Fotografia peixe corumbau Wagner de Araújo2006.

Detalhe:

É o enquadramento de um detalhe de cena para dar maior dramaticidade, destacando detalhes.



Fotografia mãos de nana Wagner de Araújo 2005.

Plano médio:

É o enquadramento do personagem da cintura pra cima, com o objetivo de mostrar suas expressões.



Fotografia filhosWagner de Araújo1995.

Close:

É o enquadramento aproximado do personagem, ressaltando uma ação ou emoção.



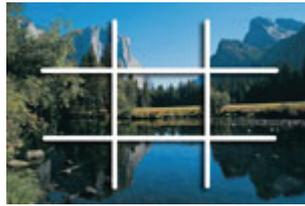
Fotografia Elaine Wagner de Araújo2007.

Fotografia: três regras básicas para a composição de boas imagens

Dave Johnson, PC World / EUA

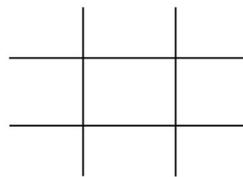
10-03-2009

Algumas dicas simples da fotografia, como a **Regra dos Terços**, possibilitam obter fotos interessantes.



Ao retratar uma paisagem ou mesmo uma pessoa, o fotógrafo - amador ou profissional - deve procurar compor a cena de tal forma que o resultado seja harmônico e agradável para quem for ver a imagem. É como olhar uma paisagem através de uma janela: mova-se um pouco para esquerda ou para direita, para cima ou para baixo e observe como o enquadramento muda. Às vezes, uma pequena alteração no enquadramento pode dar um efeito surpreendente às suas fotos.

Ainda que o senso estético de quem fotografa seja crucial para o resultado final, existem alguns princípios universais que vão ajudar a quem tem pouca prática - e refrescar a memória dos mais experientes - a alcançar um resultado muito melhor. Mas saiba que nada substitui sua imaginação e a experimentação; e a fotografia digital dá ao fotógrafo a liberdade de descobrir isso.



A regra mais importante

No dia-a-dia quando tiramos fotos, raramente montamos um roteiro antes.

O processo de fotos cotidianas é simples: viu alguma coisa interessante, pega-se a câmera, enquadra-se o objeto e registra-se a cena. É isso que distingue uma fotografia cotidiana: geralmente o objeto fica enquadrado no centro da imagem.

Se você folhear revistas especializadas com fotos profissionais ou observar como as cenas são enquadradas na TV ou em filmes, perceberá que o objeto principal raramente está no centro da imagem. Em vez disso, os fotógrafos se baseiam no que provavelmente é a regra mais importante para a composição de uma foto: **a Regra dos Terços**.

A Regra dos Terços divide virtualmente o enquadramento em partes iguais utilizando um símbolo que lembra um jogo-da-velha (algumas câmeras inserem o símbolo no visor para auxiliá-lo nessa função). A ideia é que os quatro pontos formados no enquadramento (onde as linhas do jogo-da-velha se cruzam) são áreas de interesse comum.

Depois de estudar os cinco temas que envolvem o exercício da fotografia: luz, assunto, câmara, filme e processamento, você está apto a fotografar. Existem, porém, alguns conselhos para não se cometer erros e aperfeiçoar cada vez mais seu gosto pela fotografia.

Fotografar de perto –



Fotografia NatividadeWagner de Araújo2007.

Observe as fotos dos bons fotógrafos: não há espaço vazio. O assunto de interesse está enchendo o fotograma. É por isso que as fotos ficam mais sugestivas e interessantes. Um assunto observado pelo visor, ou mesmo um detalhe, podem resultar em belas fotos. Uma foto feita de perto elimina o excesso de fundo e o efeito desagradável do segundo plano. Enquanto isso, um close mostra apenas

os detalhes absolutamente essenciais, além de oferecer maior impacto à foto.

Pequenos animais e flores, por exemplo, quando fotografados de perto, poderão mostrar detalhes nunca observados. Para fotografar de perto, entretanto, é necessário tomar certos cuidados:

- Utilizar lentes de aproximação, tubos ou fole de extensão, ou ainda macro-objetiva.
- Usar tripé ou ponto de apoio para a câmara.
- Observar com atenção o enquadramento, com cuidado especial para as câmaras com visor que necessitam de correção de paralaxe.

Eliminar o fundo



Fotografia mascaradopirenopolis Wagner de Araújo2007.

Um dos problemas que prejudicam a boa fotografia é o fundo. Os grandes mestres da fotografia afirmam que fundos mal escolhidos podem estragar completamente as fotos. Uma foto em que não houve preocupação com o fundo por parte do fotógrafo, pode apresentar:

- Muitas imagens atrapalhando e se misturando com o assunto em primeiro plano.
- Fundos como um poste, uma árvore, um ramalhete de flores ou outro objeto, se aparecerem atrás da cabeça de uma pessoa, causam impressão desagradável.

Para melhorar o fundo da foto, você deve:

- Mudar o ângulo de tomada da fotografia, até conseguir eliminar o efeito desagradável.
- Mudar a posição do assunto.

- Utilizar grande abertura do diafragma, com velocidade do obturador adequada às condições de iluminação. Isso diminui a profundidade de campo e desfocaliza o fundo.

Planejar com antecedência –



Fotografia natalidadeTo Wagner de Araújo2007.

Um dos pontos básicos para melhorar suas fotos é o planejamento antecipado do que vai ser fotografado.

Pense nos seguintes pontos:

- O que vou fotografar?
- Quais as condições de luz e de ambiente?
- Que filmes deverei utilizar?
- Quais acessórios serão necessários?

Depois, verifique se o equipamento está em ordem: pilhas do flash novas, lentes limpas, cabo de conexão do flash. Confira as condições de luz, consulte a bula do filme ou o fotômetro, regule a abertura do diafragma e velocidade do obturador de acordo com a sensibilidade do filme e as condições de luz, veja, através do visor, qual o ângulo que lhe dará melhor enquadramento e composição do assunto. Lembre-se de que todo o processo fotográfico pode ser controlado por você, antes de apertar o disparador.

A única coisa que não pode ser planejada é a reação ou expressão da pessoa a ser fotografada. Ela deve ser natural. Para captar uma expressão característica de uma criança, por exemplo, é preciso, além de todo o preparo antecipado, a oportunidade para conseguir o gesto, o olhar, o sorriso. Nesse momento, a teleobjetiva ajudará bastante, pois permite que o fotógrafo se mantenha afastado do assunto, facilitando a desinibição e a expressão natural.

Enquadrar bem



Fotografia de MTcorumbaWagner de Araújo2007.

Procure enquadrar o tema corretamente, observando o alinhamento das linhas horizontais e verticais da câmara. Enquadramento significa composição, isto é, a seleção e o arranjo que se deve fazer do assunto, antes de fotografá-lo. Você pode conseguir a melhor composição do assunto de várias maneiras:

- Coloque alguma coisa no primeiro plano para preencher os espaços vazios. Um portão, uma árvore ou uma pessoa, para servir de moldura à cena.
- Ao fotografar pessoas, procure deixá-las em destaque, para ocupar a maior área do fotograma. O espaço ocupado pelas pessoas deve ser maior na frente do que atrás.
- As pessoas devem ser fotografadas em atitudes naturais, assim você conseguirá maior beleza e naturalidade em suas fotos. Evite poses rígidas e forçadas. Procure conversar com a pessoa para mantê-la despreocupada. Quando perceber o momento oportuno, acione o disparador e você verá que os resultados serão bem melhores.



- Acostume-se a escolher o ângulo a ser fotografado, através do visor da câmara. Procure examinar o assunto de vários ângulos: mais perto, mais longe, de cima para baixo, de baixo para cima. Analise bem todos os ângulos e escolha o que mais lhe agrada e só então aperte o disparador. Se tiver dúvidas, tire duas ou três fotos de ângulos diferentes e assim será mais fácil estudá-las para escolher a melhor depois.

- Procure observar atentamente as fotografias feitas por outras pessoas. Os erros cometidos podem ser evitados nas suas fotos. Esse exercício ajudará a melhorar sua técnica fotográfica.

Se você quiser aperfeiçoar o seu gosto pela arte fotográfica, visite as exposições de fotografia, consulte álbuns de reprodução de fotos premiadas, com senso crítico. Observe cada detalhe, procurando descobrir a regulagem utilizada, os efeitos conseguidos com lentes, filtros e as possíveis modificações que tornariam a foto ainda melhor. Assim, você estará aguçando a sua capacidade de observação. Cada vez que analisa uma foto, em todos os seus aspectos, você passa a tirar uma série de conclusões sobre seu próprio trabalho e sua imaginação começa a vislumbrar uma infinidade de assuntos a serem fotografados.

Referências:

<http://pcworld.uol.com.br/dicas/2009/03/10/fotografia-regras-basicas-para-a-composicao-de-boas-imagens/> acessado 14/12/2009

<http://www.stampaphoto.com.br/teregras.htm> acesso 14/12/2009

Anexo Aula 10

Como montar fichas técnicas

As etiquetas servem para identificar a obra, seguido das seguintes descrições:

Nome da obra:

Artista:

Dimensão:

Materiais:

Ano:

Faça em formas de etiqueta, e cole abaixo da obra, exemplo:

Como montar um folder para uma exposição:

Primeiro passo – Organização:

Delimitar a temática da exposição.

Ter a data e o local programados.

Temática.

Segundo passo – Escolha das imagens:

Analisar as obras escolhidas para exposição, observar as cores que mais se destacam, em cima delas, montar uma imagem para o fundo, tentando relacionar com a temática da exposição. Utilize materiais como lápis de cor, canetinhas hidrocolor, giz de cera.

Escolha, junto com a turma, três imagens que se identificam mais com a exposição para ilustrá-las junto com a imagem do fundo;

Terceiro passo – Conteúdo:

Desenvolver um texto que explore aspectos marcantes da exposição, suas características e temáticas, faça algo bem sintético, de no máximo 5 linhas.

Quarto passo – Diagramação:

Depois de ter escolhido a imagem de fundo e algumas imagens de obras para ilustrar o folder, está na hora de finalizá-lo.

Faça um Esboço do folder da exposição, de acordo com o modo que irá montar a folha, se vai ter dobraduras ou outros suportes. Como exemplo: se formos utilizar dobradura no folder, temos que distribuir o texto para melhor leitura, colocando título em destaque, e letras legíveis.

Faça destaque no nome da exposição, na data e no local.



Nome da obra: Pirenópolis. Fotografo:Wagner de Araújo. Dimensão: 30x80 cm. Materiais: fotografia digital. Ano: 2008.



Anexos

Anexo Aula 15

Questionário:

1. O que aprendeu?

2. Quais desafios encontrados para desenvolver os trabalhos e a discussão em sala de aula?

3. Como superou suas dificuldades?

4. O que houve de mais interessante?

5. O que houve de menos interessante?

6. O que acrescentou em sua aprendizagem?

7. O que vocês necessitam aprender mais?

KLAUS MITTELDORF 2008



KLAUS MITTELDORF BY WILLIE BIONDANI .

Klaus Mitteldorf nasceu em 23 de Junho de 1953, em São Paulo. Especializado em fotografia de moda e publicidade, trabalhou com todas grandes agencias e revistas do mercado brasileiro e muitas da Europa também.

Em 2002, Klaus foi o primeiro colocado do 1º Prêmio da Fundação Conrado Wessel de Fotografia em São Paulo, o maior prêmio já concedido a fotógra-



fos de publicidade no Brasil.

Em Janeiro de 2008, Klaus foi 3º Colocado da Bienal de Arte de Roma;

Em 2008, Klaus também ganhou o Grande Premio do Festival Internacional de Fotografia de Higashikawa, no Japão, onde montou a exposição “CRIES AND VISIONS” em agosto do mesmo ano.

Seus próximos projetos são o lançamento do livro “ São Paulo / A Cidade Invertida”, ainda em 2009, e o longa- metragem “ RIO-SANTOS”, um road movie de ficção, cujo lançamento está previsto para 2011.

O seu site é: klausmitteldorf.com

O seu mail para contato: klaus@klausmitteldorf.com

Klaus vive e trabalha em São Paulo e é representado pelas galerias.

millan.com.br / São Paulo e sycomoreart.com / Paris

Educação em Goiás: ponte para uma vida melhor.

O governo de Goiás, por meio da Secretaria da Educação, ao implementar a sua política pública para a Educação na rede estadual, o faz em frentes múltiplas, abrindo portas para novas perspectivas. Além das melhorias na rede física, o estado renova a sua estrutura político-pedagógica de forma a propiciar a todos diferentes oportunidades para o trabalho, para a melhoria da qualidade de vida, para a construção de uma cultura de paz e de um mundo melhor. Todos os esforços visam a um modelo de educação que forme e transforme cidadãos.

Para proporcionar uma educação de qualidade, uma das frentes de trabalho que o governo de Goiás implementa é a que permite o aumento do tempo de permanência do aluno na escola. Visando proporcionar aos estudantes mais horas na escola, a Secretaria da Educação criou a Escola Estadual de Tempo Integral e também o projeto Aluno de Tempo Integral. O estudante da rede pública estadual, hoje, além de cursar as disciplinas básicas, participa de atividades extracurriculares, permanecendo, assim, na escola uma boa parte do dia. Atividades que incluem artes, esportes, língua estrangeira, reforço escolar, acesso à Internet, bibliotecas e tudo mais que favorece o fortalecimento das relações sociais e educacionais, estimula o potencial e as habilidades de cada um e abre um leque de oportunidades para todos.

Em 3 anos, já são 118 Escolas de Tempo Integral em 71 municípios goianos. Educação inclusiva, integral e para todos. No projeto Aluno de Tempo Integral, mais de 320 mil estudantes são atendidos em turnos de ampliação de aprendizagem. Atualmente, são desenvolvidos nas escolas estaduais mais de 1.100 projetos em arte, cultura, meio ambiente, saúde, esporte e cidadania. Neste contexto, foram criados 7 Centros de Convivência Juvenil, além de espaços de cidadania nas escolas e bibliotecas cidadãs, que funcionam como apoio ao ensino regular e à comunidade.

Em outra frente, a Secretaria da Educação priorizou a valorização profissional com programas de qualificação que repercutem na política de melhorias salariais. Ações que encerram uma evidência: só com professores bem preparados se eleva a qualidade do ensino. Atuando em parceria com universidades e outras agências formadoras, a Secretaria da Educação realizou seminários de capacitação em todas as áreas, criou um centro de referência para o ensino de Matemática e Ciências, criou o projeto Ciranda da Arte, implementou licenças remuneradas para Mestrados e Doutorados, além de intercâmbios com educadores e instituições de diversos países. No âmbito administrativo, a Secretaria investiu e investe na formação dos gestores, num processo contínuo de qualificação dos diretores, vice-diretores e secretários gerais das escolas. Realizou eleições para todo o grupo gestor, melhorando sobremaneira a administração das unidades de ensino.

Até 2006, em todo o país, a evasão no Ensino Médio indicava a necessidade de buscar um novo modelo que tornasse a escola mais atraente aos jovens. Com a ressignificação do Ensino Médio, Goiás saiu na frente e colocou em prática um projeto com novos currículos, com oportunidades para o aluno optar por algumas disciplinas além de cumprir o currículo básico. Este projeto encontra-se em execução em mais de 100 escolas em todo o estado, número que será ampliado em 2010. Goiás também foi pioneiro, resolvendo um dos problemas que levavam à evasão nessa fase do ensino – a falta de acesso dos estudantes à alimentação escolar –, estendendo a merenda, de qualidade e com cardápios regionalizados, ao Ensino Médio.

No Ensino Fundamental, o Governo procurou consolidar o ensino de nove anos e a correção de fluxo; implantou laboratórios estruturados de Informática, Ciências e Língua Portuguesa para atender a toda a demanda na rede; além de desenvolver projetos de incentivo à leitura.

Em consonância com o conceito de Escola de Tempo Integral, a Secretaria da Educação levou a Arte às escolas, com atividades nas diversas linguagens; atividades esportivas; oficinas nos espaços de cidadania etc., contribuindo para o processo de aprendizagem. Foram realizadas três edições da Mostra de Conhecimentos da rede estadual de ensino nas quais foram expostos os resultados dos projetos desenvolvidos pelas escolas nas áreas de Artes, Ciência e Tecnologia e Meio Ambiente.

A segunda Bienal do Livro foi outro importante evento realizado pelo governo de Goiás, por meio da Secretaria da Educação em parceria com a Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, Agência Estadual de Turismo e Agência Goiana de Comunicação. A segunda Bienal valorizou a produção literária local, promovendo o encontro entre estudantes e escritores e permitindo o maior contato dos alunos com o livro e a literatura.

Finalizando, a Secretaria da Educação investiu na infraestrutura da rede pública estadual, com obras de reformas, adequações, ampliações e construções, além da instalação de laboratórios e a adequação à acessibilidade.

Pensando a escola do futuro, a Secretaria da Educação criou a campanha Paz nas Escolas, que vem buscando conscientizar os alunos, pais, professores e a sociedade em geral para a convivência pacífica, a preservação do patrimônio e o respeito às diferenças no ambiente escolar. Neste mesmo sentido, a Secretaria intensifica esforços em prol da inclusão de alunos especiais, um programa que tem alcançado excelentes resultados.

Todas estas ações revelam o compromisso do Governo de Goiás com o futuro dos nossos jovens e crianças. Escola de Tempo Integral e Educação de qualidade para todos os goianos, agora Goiás tem!

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO



INCLUSÃO SOCIAL. AGORA GOIÁS TEM.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO



**GOVERNO DO
ESTADO DE GOIÁS**
Desenvolvimento com Responsabilidade

